



**ÉDERSON PERERA COITINHO**

**OS MOVIMENTOS LITERÁRIO-TEATRAIS EM BAGÉ/RS NA DÉCADA DE 1970:  
A LUTA CONTRA A CENSURA E A REPRESSÃO**

**Bagé**

**2016**

**ÉDERSON PERERA COITINHO**

**OS MOVIMENTOS LITERÁRIO-TEATRAIS EM BAGÉ/RS NA DÉCADA DE 1970:  
A LUTA CONTRA A CENSURA E A REPRESSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, pela Universidade Federal do Pampa.

Orientadora: Prof. Miriam Denise Kelm

**Bagé**

**2016**

**ÉDERSON PERERA COITINHO**

**OS MOVIMENTOS LITERÁRIO-TEATRAIS EM BAGÉ/RS NA DÉCADA DE 1970:  
A LUTA CONTRA A CENSURA E A REPRESSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, pela Universidade Federal do Pampa.

Área de concentração: Ditadura, Teatro, História, Movimento teatral em Bagé/RS.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Banca examinadora:

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Miriam Denise Kelm

Orientadora

Universidade Federal do Pampa

---

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica

Universidade Federal do Pampa

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Lúcia Maria Britto Corrêa

Universidade Federal do Pampa

Dedico este trabalho aos apaixonados pelo teatro que, assim como eu, sonham que um mundo melhor é possível através da cultura.

## AGRADECIMENTO

A Deus, pelo dom da vida e a oportunidade que ele me deu de viver a minha liberdade unindo as suas vontades.

Aos meus pais Edir (*in memoriam*) e Maria da Graça, fieis apoiadores da minha trajetória e companheiros nas minhas lutas, educando-me com os valores humanos os quais, até hoje, levo comigo como essência.

Aos demais familiares e amigos que, ao longo da caminhada universitária, não deixaram de apoiar e acreditar nas minhas lutas e utopias. Saliento, especialmente, os colegas da universidade que se tornaram amigos para a vida: Aline Quintana, Débora Mattos, Felipe Gonçalves, Fernando Idalgo e Rosana Dutra, os quais são exemplos de profissionais dedicados e comprometidos em suas áreas. Estendo o agradecimento aos que colaboraram para que este trabalho fosse realizado em plenitude, através de conversas, entrevistas e pesquisas. De modo especial, as funcionárias do Arquivo Público Municipal de Bagé, Fátima e Eliane, que gentilmente auxiliaram e apoiaram as pesquisas naquele local.

Aos professores universitários que compartilharam e mediaram seus saberes nesta Universidade, em especial, a orientadora desde trabalho, Prof. Miriam Kelm, que com um carinho materno e uma paciência indescritível, foi auxiliando o caminho a ser percorrido, com maestria, zelo e dedicação.

Enfim, a todos os amantes das artes cênicas, que acreditam na função social, crítica e política do teatro como fonte transformadora das realidades, por vezes obscuras, nas quais muitas vezes a sociedade se encontra.

“É impossível viver sem saber o que sou  
e para que estou aqui”.

Liev Tolstói

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relatar aspectos fundamentais e centrais dos movimentos literário-teatrais em Bagé/RS na década de 1970, época em que vivíamos o auge da ditadura militar brasileira. Para isto, foi necessário realizar uma pesquisa, que deu-se por meio de entrevistas com historiadores, atores e diretores de teatro, religiosos, professores e pessoas que conviveram no contexto daquela época. O material de pesquisa apresentado, em sua maioria, foi retirado dos arquivos do Jornal *Correio do Sul*, jornal diário de circulação em Bagé à época, que traz elementos concretos, em suas páginas, mostrando que a censura e a repressão eram presentes, mas camufladas em se tratando do município. Por fim, deseja-se com este trabalho incentivar as pesquisas acerca do tema, tendo em vista o ineditismo da temática em publicações impressas, engajando a comunidade bajeense, especialmente os envolvidos com as artes e a cultura, em um conhecimento prévio e inicial que possa impulsionar e motivar novas investigações sobre o assunto.

Palavras-Chave: Ditadura, Teatro, História, Movimento Teatral em Bagé/RS.

## **ABSTRACT**

This paper aims to report fundamental and central aspects of literary-theatrical movements in Bagé / RS in the 1970s, when we were living the heyday of the Brazilian military dictatorship. For this, it was necessary to conduct a research, which was done through interviews with historians, actors and theater directors, religious, teachers and people who lived in the context of that time. Most of the research material was taken from the archives of Correio do Sul newspaper, a daily circulation newspaper in Bagé at the time, which shows concrete elements in its pages, showing that censorship and repression were present but camouflaged in the case of the municipality. Lastly, the aim of this work is to encourage research on the theme, in view of the novelty of the theme in printed publications, engaging the bageense community, especially those involved with the arts and culture, in a prior and initial knowledge that can stimulate and motivate further research on the subject.

**Keywords:** Dictatorship, Theater, History, Theatrical Movement in Bagé / RS



## LISTA DE FIGURAS

Foto 1 – “Censura federal alerta diretores de clubes” - <i>Correio do Sul</i> – 19/09/1975.....	27
Foto 2 – “Juventude protesta: em Bagé não há divertimento” - <i>Correio do Sul</i> – 10/01/1975.....	28
Foto 3 – “Os contos famosos de Edgar Alan Poe no cinema” - <i>Correio do Sul</i> – 04/01/1970.....	29
Foto 4 – “Arquivado processo contra três religiosos” - <i>Correio do Sul</i> – 12/01/1972.....	31
Foto 5 – “Emílio Médici: homem do povo e do campo volta...” - <i>Correio do Sul</i> – 03/03/1970...34	
Foto 6 – “Promoção do conjunto musical Os Rebeldes” - <i>Correio do Sul</i> – 01/02/1970.....	35
Foto 7 – “No Cine Glória esta noite o grandioso Festival...” - <i>Correio do Sul</i> – 10/02/1972.....	35
Foto 8 – “Determinações da Censura Federal para o Carnaval” - <i>Correio do Sul</i> – 08/01/1975...36	
Foto 9 – “Coluna Universitária: Literatura e Linguística” - <i>Correio do Sul</i> – 08/01/1975.....	38
Foto 10 – Poema “Se”, de Maria da Graça del Duca Gomes - <i>Correio do Sul</i> – 17/10/1972.....	38
Foto 11 – Poema “Última Apresentação”, de Elvira Macedo de Nascimento.....	39
Foto 12 – “Peça e filme proibidos pela censura federal” - <i>Correio do Sul</i> – 06/02/1972.....	41
Foto 13 – “Peça A Fraude proibida no Brasil” - <i>Correio do Sul</i> – 02/03/1972.....	42
Foto 14 – Apresentação do ator Procópio Ferreira em Bagé - <i>Correio do Sul</i> – 15/04/1972.....	43
Foto 15 – Apresentação do ator José Vasconcellos em Bagé - <i>Correio do Sul</i> – 10/07/1975.....	43
Foto 16 – “Teatro: um desafio espontâneo...” - <i>Correio do Sul</i> – 15/01/1975.....	45
Foto 17 – “Teatro bajeense vai a Arcozelo” - <i>Correio do Sul</i> – 05/01/1975.....	47
Foto 18 – “Grupo Manifesto ganha experiência em Arcozelo” - <i>Correio do Sul</i> – 11/03/1975....	47
Foto 19 – Capa do livro <i>O Teatro em Bagé</i> .....	49
Foto 20 – “O Teatro em Bagé pelo Grupo Manifesto” - <i>Correio do Sul</i> – 18/06/1975.....	49
Foto 21 – “Teatro de Bolso de Bagé homenageia Túlio Lopes” - <i>Correio do Sul</i> – 10/08/1975...50	
Foto 22 – “Quarto de empregada...” - <i>Correio do Sul</i> – 16/08/1975.....	51
Foto 23 – “Quarto de empregada...” - <i>Correio do Sul</i> – 22/08/1975.....	51
Foto 24 – “Grupo Manifesto estreia hoje sua terceira peça” - <i>Correio do Sul</i> – 21/11/1975.....	52

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 A DITADURA MILITAR NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1. A brutalidade e o terror da ditadura .....</b>	<b>17</b>
<b>3 BREVE PANORAMA DO TEATRO BRASILEIRO: A DITADURA QUE NÃO CALA.....</b>	<b>18</b>
<b>4 MOVIMENTOS LITERÁRIO-TEATRAIS EM BAGÉ NA DÉCADA DE 1970.....</b>	<b>25</b>
<b>4.1 Grupo de Teatro Tio Patinhas: o teatro em uma escola católica.....</b>	<b>29</b>
<b>4.2 A ditadura na/da Igreja Católica presente em Bagé.....</b>	<b>31</b>
<b>4.3 A arte difundida e propagada na Rainha da Fronteira nos anos obscuros da ditadura.....</b>	<b>33</b>
<b>5 GRUPO DE TEATRO MANIFESTO: INSISTÊNCIA, LUTA, CONSAGRAÇÃO..</b>	<b>44</b>
<b>5.1 Teatro de Bolso: a persistência e a coragem do Grupo Manifesto.....</b>	<b>47</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>6.1 Antes da beleza das rosas: o contato com os espinhos.....</b>	<b>53</b>
<b>6.2 Do Manifesto aos Carlitos: o teatro em Bagé após mais de quarenta anos.....</b>	<b>55</b>
<b>6.3 O sonho e a utopia: a insistente luta por um Teatro Municipal.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>61</b>
<b>Entrevista com Ir. Pedro de Melo.....</b>	<b>61</b>
<b>Entrevista com Padre João Pedro da Silva Peres.....</b>	<b>63</b>
<b>Entrevista com Elvira de Macedo Nascimento.....</b>	<b>66</b>
<b>Entrevista com Cláudio de Leão Lemieszek.....</b>	<b>70</b>
<b>Depoimento de Sapiran Brito.....</b>	<b>72</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“Pai, afasta de mim esse cálice, de vinho tinto de sangue”*

Como é necessário e coerente iniciar este trabalho citando uma das canções mais contundentes e representativas da MPB (Música Popular Brasileira), e de autoria de um compositor tão engajado na busca por uma sociedade democrática, justa e igualitária. A música “Cálice”, de Chico Buarque, em parceria com Gilberto Gil, é considerada a mais relevante do período da ditadura civil-militar no Brasil, ocorrido de 1964 a 1985. O desejo expresso pelo músico é o de se opor ao regime militar nesse período, uma forma de crítica singela e velada, denunciando os métodos de tortura e repressão aos quais as vítimas eram submetidas para conseguir o silêncio das mesmas e o desejo de libertar-se das imposições feitas pelo governo militar, expondo as realidades desse governo nas entrelinhas.

Este trabalho é fruto de intensos diálogos, orientações, leituras, trocas de ideias, pesquisas, mas sobretudo, de uma inquietação e incômodo pessoal acerca de um tema tão polêmico da nossa história recente: a ditadura civil-militar, período este que ficou marcado não só nos anais da História, mas na vida daquelas pessoas que sofreram na pele o gosto amargo da tirania militar, tendo seus direitos cerceados à liberdade de expressão e indignação com o que estava sendo posto.

Além dessas questões, trago também comigo o amor pelo teatro, pela atuação nos palcos, dando voz, vez e sentido a personagens desconhecidos até então, ficcionais ou não, mas que dependem da euforia e talento do ator para ganhar vida. Unindo esta paixão pelas artes cênicas com minhas dúvidas e inquietações já mencionadas sobre a ditadura militar, este trabalho, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Miriam Denise Kelm, vem buscar responder algumas dúvidas do autor que foram surgindo, especialmente no período da graduação em Letras e no aprofundamento maior sobre a Literatura e sua relevância crítica, social e capaz de transformar os meios nas quais está inserida. Estou convicto de que, nesse percurso, foram encontradas inúmeras outras perguntas, quando, na verdade, procurávamos respostas.

Segundo o Documento do Governo Federal, de 2011, intitulado “A verdade da repressão: A memória da resistência”, a ditadura militar “violou a Constituição, fechou

o Congresso, cassou mandatos de parlamentares e, acima de tudo, perseguiu lideranças, entidades estudantis, sindicatos, e movimentos” (p. 05). Durante os anos de ditadura, inúmeros manifestantes foram presos, exilados, torturados ou mortos. Só em 1964, o ano do Golpe, segundo o documento do Governo Federal acima mencionado, “cerca de 50 mil pessoas foram presas” (p. 06). A liberdade deu lugar à incerteza. A luta deu lugar ao medo e a juventude teve que se calar.

A linguagem teatral permite um amplo movimento de lutar por aquilo em que se acredita, de expressar os mais variados sentimentos e emoções em determinada época e lugar. Por isso, o teatro era considerado um dos maiores inimigos da ditadura, pois fazia as pessoas (ao menos uma pequena parcela da população, aqueles que tinham acesso aos espetáculos) pensarem e se manifestarem contra o governo e, tudo o que o governo militar menos queria, era ouvir as opiniões contrárias. Acredito ser o teatro um espaço democrático, de pessoas que deixam de lado (ao menos por alguns instantes) sua vida real e mergulham, entre quatro paredes, em um mundo a ser desvendado, descoberto e encenado. Segundo o crítico literário e professor Antonio Candido:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 1972, p. 53).

Durante a Educação Básica, por exemplo, muito pouco nos é falado sobre os movimentos artísticos nesse período, pois a repressão oficial não conseguiu impedir que os mais variados grupos sociais tenham se mobilizado em reação aos desmandos dos governos militares.

A cultura brasileira não deixou de criar e se espalhar pelo país e a arte se tornou um instrumento de denúncia da situação vivida. Dos festivais de música despontaram compositores e intérpretes das chamadas canções de protesto, como Geraldo Vandré, Chico Buarque de Hollanda e Elis Regina. No cinema, os trabalhos de Cacá Diegues e Glauber Rocha levam para as telas a história de um povo que perde seus direitos mínimos.

(Disponível:<https://ditaduraportalprofessor.wordpress.com/cultura-na-ditadura/> Acesso em setembro/2016)

Já no teatro, muitas apresentações continham um forte teor revolucionário e partilhavam das ideias de Bertolt Brecht, que entendia o teatro como uma “importante arma de combate político”. Sendo assim, uma ampla censura foi instaurada; militares disfarçados eram infiltrados em lugares públicos com o objetivo de vigiar o que ali acontecia, manter a “ordem e o progresso”. Muito se comenta isso nos dias atuais, mas pouco registro escrito possuímos. A memória, por si só, não é fonte histórica, pois as pessoas envolvidas passam, o tempo “voa” e, se não deixamos essas marcas escritas, pouco se saberá num futuro próximo sobre o que verdadeiramente aconteceu. Quanto mais nos distanciamos do fato histórico, menos argumentos e fatos poderemos encontrar.

Dadas estas considerações iniciais, precisamos delimitar o recorte a ser analisado, visto que a temática a ser abordada é extensa e com inúmeras possibilidades de análise. Escolho retratar os movimentos literário-teatrais em Bagé/RS, porque, além das justificativas já citadas, não possuímos ainda aqui, nem no campo da Literatura, da História ou do Teatro, algum trabalho, artigo ou documento que possibilite, a quem interessar possa, conhecer um pouco sobre a trajetória do teatro em nossa cidade e região e os desafios e problemas encontrados nos anos de ditadura militar, sobretudo na década de 1970, em uma luta constante contra a censura e a repressão. Este trabalho visa ser um “aperitivo” a futuras pesquisas nessas áreas e um *link* motivador e inicial a quem quiser se aprofundar mais sobre esse assunto. Falar de teatro e ditadura é e será sempre desafiador: a cada nova descoberta, novas provocações e propostas, vamos percebendo a riqueza cultural que tínhamos e os esforços dos autores, diretores e atores. Os tempos mudaram, a liberdade de expressão foi garantida, mas muitos problemas ainda persistem, como a falta de espaços adequados para a prática teatral e as constantes dificuldades financeiras para a produção de oficinas e espetáculos.

É importante e válido salientar que este Trabalho de Conclusão de Curso foi “tecido a várias mãos”, o qual não seria possível realizá-lo sem o apoio de tantas pessoas que, ao longo dos últimos meses, contribuíram através de entrevistas, dicas, sugestões e conhecimentos para que pudéssemos, enfim, reunir as informações e organizá-las cronologicamente e de acordo com o que esta pesquisa se propôs. Parafraseando o músico Raul Seixas: “Um sonho sonhado sozinho é um sonho. Um sonho sonhado junto é realidade”. E essa realidade se fez!

Sendo assim, antes de iniciarmos as considerações as quais este trabalho se propõe, é necessário aqui mencionar alguns autores que estarão presentes nos capítulos a seguir e nortearão o nosso posicionamento e aporte teórico: Elio Gaspari, Sábado Magaldi, Augusto Boal, Oduvaldo Vianna Filho, Flávio Rangel, Márcio Seligmann-Silva, Luciano Arone, entre outros. Tais nomes foram significativos no cenário histórico, teatral ou literário e nos acompanham neste percurso pela sua relevância nos espaços que ocuparam. Além dos autores acima citados, a metodologia deu-se através de entrevistas com personalidades residentes em Bagé nos anos 1970 ou que eram envolvidos com o Teatro, Literatura ou História em outros locais, a saber: professor e historiador Cláudio Lemieszek, professora Elvira de Macedo Nascimento, os diretores de teatro Pedro de Melo e Sapiran Brito e o padre João Pedro da Silva Peres. Tais entrevistas foram gravadas ou redigidas e transcritas e estarão presentes ao final deste trabalho, na íntegra. A partir das entrevistas, o autor se propôs a analisar os arquivos do Jornal Correio do Sul, procurando indícios que reforçassem as percepções dadas nas entrevistas e notícias que comprovassem, bibliograficamente, o que anteriormente havia sido dito.

Este trabalho está dividido em quatro grandes capítulos, a saber: 1. A ditadura militar no Brasil: aspectos históricos; 2. Breve panorama do teatro brasileiro: a ditadura que não cala; 3. Movimentos literário-teatrais em Bagé na década de 1970; 4. Grupo de Teatro Manifesto: insistência, luta, consagração.

Um dos objetivos centrais e principais da escolha deste tema é buscar fomentar no leitor uma maior criticidade e desejo de se aprofundar no que aqui é abordado, de forma sucinta e introdutória. Busquemos conhecer nossa história, nossas lutas, utopias, para que possamos nos apropriar do presente e construir um futuro mais justo, digno e democrático.

## **2 A DITADURA MILITAR NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS**

*“Pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro”*

A partir desta frase de Heródoto, historiador grego considerado o “Pai da História”, iniciamos este capítulo com o intuito de abordar, embora brevemente, algumas questões cruciais e fundamentais acerca da ditadura militar, ocorrida no Brasil de 1964 a 1985.

Oficialmente, a Ditadura Militar Brasileira teve seu início com o Golpe Militar, arquitetado no dia 31 de março de 1964, o qual pôs fim ao mandato do presidente João Goulart, que havia assumido após a renúncia de Jânio Quadros. Conforme as organizadoras da obra “Ditadura Militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho”, Maria Paula Araújo, Izabel Pimentel da Silva e Desirree dos Reis Santos:

Com a renúncia do presidente Jânio Quadros, seu vice, João Goulart, foi alçado à presidência da República. Era uma situação paradoxal porque Jânio e Jango representavam partidos políticos opostos. A legislação brasileira da época permitia ao eleitor votar no candidato a presidente de uma chapa e no candidato a vice-presidente de outra. Dessa forma, a população brasileira elegeu a dupla “JAN-JAN”, que reunia Jânio Quadros indicado por uma coligação de pequenos partidos liderada pela União Democrática Nacional (UDN) e João Goulart apresentado pela coligação Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e Partido Social Democrático (PSD). Essa improvável composição durou pouco tempo: Jânio foi empossado em 31 de janeiro de 1961 e renunciou em agosto do mesmo ano. (ARAÚJO, SILVA, SANTOS (Orgs), 2013. p. 11)

O Congresso Nacional, então, declarou vacância na Presidência da República e, dias depois, deu posse ao Marechal Castello Branco. Porém, como todo plano ou projeto, esse golpe foi vagarosamente arquitetado, elaborado, pensado, para que não houvesse erro por parte de seus idealizadores e, os anos que o antecederam, foram de efervescência política e cultural.

De 1946 a 1964, a democracia apresentava várias limitações. Segundo o escritor Caio Navarro de Toledo, “graças ao clamor popular foi adotado o voto dos analfabetos, ampliou-se a liberdade partidária, diversificou-se o debate ideológico e ampliou-se a participação do Ministério Público” (Jornal da UNICAMP, 2014, p. 05). Porém, como ainda hoje acontece, as eleições eram definidas através do poder econômico. Quem possuía mais “cacife”, como proprietários de terra, por exemplo, angariava mais apoio, especialmente dos meios de comunicação de massa, sempre despreocupados com a democracia e afeitos aos próprios interesses e benefícios. João Goulart assinou sua sentença de morte política quando se empenhou abertamente na defesa de reformas sociais e na ampliação da democracia política. Isso não era favorável às elites, logo, lutaram pela sua saída. Segundo Araújo, Silva & Santos:

Em 1964, o governo João Goulart via-se acuado: as direitas civis alardeavam que as reformas de base visavam comunizar o país; o Congresso Nacional, de maioria conservadora e, em boa parte,

representante dos grandes latifundiários, recusava-se a aprovar o projeto de reforma agrária sem indenizações aos proprietários; as esquerdas, que lutaram para garantir sua posse, exigiam veementemente a realização imediata das reformas, sem acordos ou recuos. (ARAÚJO et al. 2013. p.15)

O momento crucial para João Goulart foi seu discurso no Comício da Central do Brasil, em 13 de março de 64, no qual afirmou que

Hoje, com o alto testemunho da nação e com a solidariedade do povo, reunido na praça que só ao povo pertence, o governo, que é também o povo e que também só ao povo pertence, reafirma os seus propósitos inabaláveis de lutar com todas as suas forças pela reforma da sociedade brasileira. não apenas pela reforma agrária, mas pela reforma tributária, pela reforma eleitoral ampla, pelo voto do analfabeto, pela elegibilidade de todos os brasileiros, pela pureza da vida democrática, pela emancipação econômica, pela justiça social e pelo progresso do Brasil”. (Disponível em: <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-discurso-de-Jango-no-comicio-da-Central-do-Brasil/4/16826> Acesso em setembro/2016)

Retornando, então, à data do Golpe Militar, o general Olímpio Mourão Filho deslocou 3 mil soldados de Belo Horizonte em direção ao Rio de Janeiro para consolidar o golpe de Estado. Grande parte da Igreja Católica, do empresariado, dos proprietários rurais, da imprensa e vários governadores de estados importantes (como Carlos Lacerda, da Guanabara - atual Rio de Janeiro -, Magalhães Pinto, de Minas Gerais, e Adhemar de Barros, de São Paulo) e amplos setores de classe média pediram e estimularam a intervenção militar, como forma de pôr fim à ameaça de esquerdização do governo e de controlar a crise econômica. O golpe também foi recebido com alívio pelo governo norte-americano, satisfeito de ver que o Brasil não seguia o mesmo caminho de Cuba, onde a guerrilha liderada por Fidel Castro havia conseguido tomar o poder. Para o jornalista e escritor Elio Gaspari:

Se os generais podiam divergir a respeito de muitas coisas, numa estavam de acordo: dispunham-se a utilizar a força contra o que restava do governo civil. Queriam isso não só porque achavam necessária a “limpeza da casa”, mas também porque se transformariam imediatamente em fonte de poder e legitimidade burocrática. (GASPARI, 2014. p. 121)

Vale ressaltar que o termo mais apropriado e utilizado por muitos historiadores é *ditadura civil-militar*, pois muitos setores civis se empenharam em sua efetivação, como



a burguesia, que temia que as medidas nacionalistas e progressistas de Goulart se tornassem mais intensas, uma vez que contrariavam seus interesses econômicos. Como exemplo, temos as “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”, organizadas por clérigos e entidades femininas, realizadas em várias cidades, inclusive com apoio de governantes, as quais levou milhares de pessoas às ruas que tinham medo da radicalização das medidas propostas por Jango e de um suposto “perigo comunista”

Em seu primeiro pronunciamento, Castello Branco diz defender a democracia, mas, poucas horas depois, começa a pôr em prática o autoritarismo: vários parlamentares tiveram seus mandatos cassados, cidadãos com seus direitos políticos e constitucionais cancelados e os sindicatos receberam intervenções. Segundo Luciano Aronne de Abreu e Rodrigo Patto Sá Motta, em “Autoritarismo e cultura política”,

O autoritarismo não é um fenômeno político recente, mas possui uma vasta História. Não apenas porque tais países (Brasil, Argentina, Chile e Uruguai) já tenham passado por regimes não democráticos anteriormente, mas também porque foram palco de uma tradição teórica autoritária, ou seja, de intelectuais que pensaram e projetaram a sociedade como incompatível com a democracia liberal. Muitos elementos desse pensamento autoritário eram compartilhados, inclusive, pelos grandes meios de comunicação, alcançando uma abrangência maior que o restrito círculo dos intelectuais. (ABREU & MOTTA, 2013. p. 07)

No período ditatorial, repressão e resistência estiveram lado a lado. Um dos maiores objetivos do regime era produzir o medo entre a população, sobretudo, deixando os brasileiros inseguros quanto a sua liberdade e direitos, pois podiam ser presos, torturados, mortos ou desaparecer, sem que as autoridades se sentissem obrigadas a dar explicações.

Retomando a frase que abre este capítulo, é necessário estudarmos e pensarmos o passado para que possamos vivenciar o presente e vislumbrar e idealizar o futuro que almejamos. Sendo assim, é válido utilizarmos Jeanne Marie Gagnebin (2001), a qual cita o termo *rememoração*, que cabe em nossa discussão:

A rememoração significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente. (GAGNEBIN, 2001, p. 55)

Muito do momento político que o Brasil vive atualmente está sendo equiparado a situações, movimentos e decisões associadas ao Golpe de 64. Mas, convenhamos, essa discussão, embora extremamente pertinente, não nos cabe nesse momento. A partir da citação de Gagnebin, pensamos e refletimos sobre a importância de olharmos para o passado e, para isso, precisamos recorrer às fontes bibliográficas, mas, sobretudo, às fontes “vivas”, capazes de edificar o conhecimento, atualizá-lo e torná-lo eficaz e verdadeiro nos dias atuais. Um exemplo que gostamos de salientar é o livro sagrado dos cristãos, a Bíblia, escrita por muitas pessoas que não viveram a época temporal do seu líder, Jesus Cristo, mas que, a partir de depoimentos e relatos de vida, a muitas mãos, escreveram seus posicionamentos e pontos de vista e os reuniram em um livro, o qual é tido como base de oração, estudo e reflexão pelos cristãos atuais. Podemos aqui, utilizar o termo *testemunho*, que, segundo Márcio Seligmann-Silva (2001), tem um significado maior, pois: “testemunha-se algo de excepcional e que exige um relato, marcado pelo elemento singular do real” (p. 47).

## **2.1 A brutalidade e o terror da ditadura**

Ao iniciar este tópico, recordo um trecho da música “*Tocando em Frente*”, de Almir Sater, que não passa despercebido: “Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente...”

Durante os horrendos anos de ditadura civil-militar, o povo se viu cerceado a qualquer forma de posição política, partidária e contrária às medidas impostas pelo governo militar. Ao contrário do trecho da bela música de Sater, boa parte dos brasileiros entenderam, com o passar dos anos, que a ditadura poderia e deveria ser desmascarada, desvendada e finalizada. Dar voz e vez ao povo e retomar o progresso através da democracia e união popular era o sonho da maioria dos brasileiros. Porém, para ‘compreender a marcha e tocar em frente’, era necessário rebelar-se contra um sistema brutal e violento, que agia, na maioria das vezes, de modo silencioso, rotineiro e cruel: a tirania militar.

Nesse aspecto, destaca-se (negativamente) o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o primeiro militar a ser reconhecido pela Justiça como torturador, falecido recentemente, em 2015 e, ao citá-lo, nos remetemos também aos demais. Segundo a jornalista Cleidi Pereira, do Jornal Zero Hora, nos três anos e quatro meses em que

comandou o Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), em São Paulo, 502 pessoas teriam sido torturadas no local e 50, mortas pelo órgão.

Em diversas entrevistas e relatos, Coronel Ustra negava que tivesse cometido qualquer crime durante seu período no comando do DOI-CODI e que recebeu ordens de seus superiores no Exército para fazer o que foi feito, alegando em sua defesa que "combatia o terrorismo". Possivelmente, a concepção de 'terrorismo', citada pelo coronel, era diferente do que o povo das ruas sentia.

### **3 BREVE PANORAMA DO TEATRO BRASILEIRO: A DITADURA QUE NÃO CALA!**

*“Não faço teatro para o povo, mas o faço em favor do povo. Faço teatro para incomodar os que estão sossegados. Só para isso faço teatro”*

Esse sentimento exposto na frase acima, de autoria do escritor e ator Plínio Marcos (1935-1999), uma das pessoas mais ativas no cenário teatral na época da ditadura militar, certamente representa a tantos atores, diretores, escritores e amantes das artes cênicas que, apesar de todas as dificuldades em fazer teatro, continuaram firmes em seus ideais e objetivos, levantando a bandeira da cultura aos quatro ventos, mesmo estes soprando de maneira cruel e violenta, através da forte censura, repressão e autoritarismo do regime militar.

Não podemos negar a importância da cultura, e neste capítulo vamos nos deter, sobretudo, à presença do teatro no cotidiano de um povo. Através das artes cênicas, novos mundos são desvendados, cânones literários sendo estudados, adaptados, dirigidos e encenados, com a (re)leitura de seu tempo e local de encenação. Não podemos esquecer a origem do teatro no Brasil (ao menos pelos relatos que a historiografia nos oferece), que se dá através da chegada dos jesuítas, os quais inserem as encenações como forma de evangelização e catequese, uma maneira aos indígenas de entender e compreender os textos sagrados, através de recortes bíblicos passíveis de encenar. Segundo o crítico teatral Sábado Magaldi, recentemente falecido, em sua obra “Panorama do teatro brasileiro”

Os vários autos, desiguais na forma e no resultado cênico, parecem uma aplicada composição didática de quem tinha um dever superior a cumprir: levar a fé e os mandamentos religiosos à audiência, num veículo ameno e agradável. Acresce que os índios eram sensíveis à música e à dança, e as mistura das várias artes atuava sobre o espectador com vigoroso impacto. A missão catequética dos autos se cumpria assim facilmente. (MAGALDI, 1999, p. 16)

O teatro escolar dos jesuítas tinha uma forte influência moralizadora e procurava afirmar a autoridade da Igreja. O padre e dramaturgo Anchieta criou diálogos teatrais com personagens de vida social indígena para falar ao seu espectador, na língua deles, sobre “a maneira boa de viver” e sobre o que seria “mau”.

Ainda segundo Magaldi, “o jovem evangelizador (Anchieta), o ‘Apóstolo do Brasil’, tinha pendores literários diversos e se distinguiu no gênero epistolar, na gramática e na poesia, de lirismo devoto e inspirada fatura” (p. 16). Algo que pode ser considerado negativo, é o possível desprezo e descaso, por parte dos jesuítas, com a religiosidade já existente dos que aqui viviam, querendo impor e salientar que, aquilo que estava chegando era a melhor opção e a única correta (mas isso é tema para outra hora...) No século XVII, as representações de peças escritas pelos jesuítas - pelo menos aquelas com a clara finalidade de catequese- começaram a ficar cada vez mais escassas. Este período, em que a obra missionária já estava praticamente consolidada, é inclusive chamado de “Declínio do Teatro dos Jesuítas”.

Já no século XIX, temos a chegada de um novo gênero teatral: a comédia de costumes, tratada como o gênero mais característico do teatro brasileiro. O escritor francês Molière é considerado seu criador tendo, no Brasil, a figura de Martins Pena (1815-1848) como principal representante, o qual caracterizou com bom humor as graças e desventuras da sociedade brasileira da época. A comédia de costumes caracteriza-se pela criação de tipos e situações de época, com uma sutil sátira social. Proporciona uma análise dos comportamentos humanos e dos costumes num determinado contexto, tratando frequentemente de amores ilícitos, da violação de certas normas de conduta, ou de qualquer outro assunto, sempre subordinados a uma atmosfera cômica. A trama desenvolve-se a partir dos códigos sociais existentes, ou da sua ausência, na sociedade retratada. As principais preocupações dos personagens são a vida amorosa, o dinheiro e o desejo de ascensão social. O tom é predominantemente satírico, espirituoso e cômico, oscilando entre o diálogo vivo e cheio de ironia e uma

linguagem, às vezes, conivente com a amoralidade dos costumes. Para exemplificar tal definição, podemos citar a obra “O Noviço”<sup>1</sup> (1845), de Martins Pena, que retrata a ambição de Ambrósio em ser rico, casando-se com a viúva Florência, com intuito em se apossar da sua herança deixada pelo falecido marido. Florência tem dois filhos (Emília e Juca) e é tutora do sobrinho Carlos, o noviço da história. Ao longo da trama, Ambrósio tenta encaminhar os jovens ao convento, mas é desmascarado a tempo por Carlos, dando contornos dramáticos na vida de Ambrósio e cômicos ao leitor. Abaixo, veja o discurso inicial da peça, do personagem Ambrósio Nunes:

No mundo a fortuna é para quem sabe adquirir-la. Pintam-na cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar. Todo homem pode ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinácia são poderosos auxiliares. Qual o homem que, resolvido a empregar todos os meios, não consegue enriquecer-se? Em mim se vê o exemplo. Há oito anos, eu era pobre e miserável, e hoje sou rico, e mais ainda serei. O como não importa; no bom resultado está o mérito... Mas um dia pode tudo mudar. Oh, que temo eu? Se em algum tempo tiver que responder pelos meus atos, o ouro justificar-me-á e serei limpo de culpa. As leis criminais fizeram-se para os pobres. (PENA, 1997, p.11)

Segundo Magaldi (1999), “a comédia de Martins Pena pode ser considerada uma escola de ética, antecipando esse papel que o teatro assumirá, conscientemente, mais tarde” (p. 62) e continua: “toda a filiação aos gêneros tradicionais do teatro e a referência a autores europeus não esmaga a pura seiva de brasilidade dessa farsa, que parece brotar da nossa rua”(p.62). Um dos continuadores da obra de Pena é França Júnior (1838-1890), pois reforça a tradição cômica do teatro brasileiro e se caracteriza pela agilidade das falas curtas, das peças em um ato, com linguagem coloquial, jogo cênico rápido, ambiguidades e grande noção de ritmo teatral, como, por exemplo, na peça “Tipos da atualidade”, comédia mais conhecida como “O Barão de Cutia”, graças à extrema popularidade do personagem do mesmo nome, um fazendeiro rico que uma viúva interesseira deseja ardentemente ter por genro. O autor faz da mediocridade e do interesse o ápice das relações interpessoais na sociedade fluminense de então.

---

<sup>1</sup> Tal peça foi adaptada e encenada, em Bagé/RS, pelo Grupo de Teatro Os Carlitos, em 2014, e reapresentada, pelo mesmo grupo, em 2016. A direção e adaptação ficou sob responsabilidade do ator e diretor Michel Godinho.

Dando um salto na História, e indo ao encontro do recorte deste capítulo, ao longo dos anos, o regionalismo foi também sendo desvelado: autores como Ariano Suassuna, com “Auto da Compadecida”, por exemplo, tomam o cenário teatral brasileiro, enchendo-o de brasilidade, vivacidade e expressão (1955). O teatro vai ganhando novos adeptos, visto que a realidade apresentada pelos autores regionalistas se assemelha à ‘vida real’. Nas décadas de 20 e 30, escritores consagrados como Raquel de Queiroz e Graciliano Ramos relatam o medo e a angústia da seca nordestina, com suas obras ‘O Quinze’ e ‘Vidas Secas’, respectivamente, obras estas que, nas décadas seguintes, foram adaptadas e levadas para o teatro e o cinema, dando vida aos personagens e ao texto como um todo, como forma de crítica e apresentação de uma realidade difícil, vivida por uma parcela da população por vezes esquecida. Nos anos 40 temos o advento do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), criado por Franco Zampari, primeiro grupo a fazer pesquisas na área de consumo, pois viam o teatro como produto comercial e perceberam que o povo apreciava peças estrangeiras, clássicos nacionais e teatro de qualidade. Alguns artistas que iniciaram nos palcos nesse período foram Paulo Autran, Fernanda Montenegro, Cacilda Becker, Juca de Oliveira e Stênio Garcia. O TBC fez contribuições importantes para o teatro brasileiro, entre elas o profissionalismo teatral e o teatro de grupo, visto que até então as peças de teatro era encenadas por um grupo de pessoas que se reuniam apenas para o espetáculo em questão, e os atores não tinham carteira assinada nem outro benefício qualquer. Para a jornalista Cecília Prada,

o panorama teatral brasileiro era dos mais pobres e primitivos – indigente, mesmo, culturalmente. Improvisava-se tudo, na base meramente imitativa do estilo empolado e artificial dos dramalhões provindos de Portugal ou da Itália, com atores que chegavam a entrar em cena sem conhecer bem o texto da peça e que nem sequer se preocupavam com as “marcas” – baseando sua atuação em duas figuras tradicionais que desapareceriam do teatro logo mais, o ponto e o contrarregra, que de uma “caixa” do proscênio ou dos bastidores iam ditando palavras e movimentos.

(Disponível em [http://www.sescsp.org.br/online/artigo/4297\\_MESTRE+ZIMBA+UM+MAGO+DO+TEATRO#/tagcloud=lista](http://www.sescsp.org.br/online/artigo/4297_MESTRE+ZIMBA+UM+MAGO+DO+TEATRO#/tagcloud=lista). Acesso em outubro/2016)

Vale ressaltar, nesse momento da História, a chegada de muitos refugiados de guerra europeus, que traziam consigo farta bagagem e tradição em vivências teatrais e capitanearam a profissionalização do teatro no Brasil, entre eles Zbigniew Marian Ziembinski, carinhosamente conhecido como Mestre Zimba (1908-1978), e

Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006). O polonês Ziembinski teve sua formação inicial na terra natal, despertando o interesse pelas artes logo cedo, estreando como ator profissional aos 19 anos. Refugiou-se em Bucareste e, em 1941, com pretensões em seguir para os Estados Unidos, chega ao Brasil, onde, em seguida, inicia sua trajetória teatral no país, incorporando seus conhecimentos. Ainda segundo Prada,

na opinião unânime de historiadores e críticos teatrais, o dia 28 de dezembro de 1943 – data em que o grupo Os Comediantes estreou a peça Vestido de Noiva, de Nelson Rodrigues, com direção de Ziembinski, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro – é um divisor de águas, marcando o início do moderno teatro brasileiro. No dizer de Sábato Magaldi, esse acontecimento não só lançou "as bases de uma nova dramaturgia mas também de uma encenação em moldes antes desconhecidos".

(Disponível em [http://www.secsp.org.br/online/artigo/4297\\_MESTRE+ZIMBA+UM+MAGO+DO+TEATRO#/tagcloud=lista](http://www.secsp.org.br/online/artigo/4297_MESTRE+ZIMBA+UM+MAGO+DO+TEATRO#/tagcloud=lista). Acesso em outubro/2016)

Já o italiano Gianfrancesco Guarnieri, filho de músicos antifascistas, chegou ao Brasil na década de 30 e engajou-se nas lutas estudantis a época. Sua peça de estreia, como dramaturgo, foi “Eles Não Usam Black-Tie”, encenada em 1958, tendo o próprio autor no elenco. Destacou-se também no cinema e televisão, tendo uma carreira vasta e notável no meio artístico brasileiro.

Na década de 50 temos a formação do Teatro de Arena em São Paulo, com forte ideologia política e social, buscando a popularidade. Alguns aspectos principais deste modelo teatral foi o estudo da proposta formulada pelo dramaturgo russo Constantin Stanislavsky (com métodos e técnicas no trabalho de preparação do ator) e a nacionalização de clássicos através de adaptações. Não podemos esquecer do Teatro de Arena de Porto Alegre<sup>2</sup>, fundado em 17 de outubro de 1967, o qual se caracterizou pela sua atuação politicamente engajada, criticando o regime militar recém iniciado. Contudo, por fatores econômicos, o teatro foi fechado em 1979. Mais tarde, lideranças culturais passaram a procurar o seu restabelecimento e o espaço foi reformado e reaberto em 1991, passando a abrigar diferentes propostas.

---

<sup>2</sup> A casa tem um palco em forma de arena de três lados, com capacidade para 110 pessoas, além de grande acervo de obras para pesquisa. Essas informações foram recebidas através de uma conversa informal recente com um dos atuais coordenadores da instituição, Mauro da Luz Soares, com mais de cinquenta anos de teatro e com um profundo carinho pelo Teatro de Arena, ao qual se dedica todas as tardes.

Em 1960, o escritor Augusto Boal cria a metodologia denominada “Teatro do Oprimido”, com intuito de utilizar o teatro com cunho social, político, ético e estético, contribuindo para a transformação social. Boal cria a “árvore do Teatro do Oprimido”, da qual surgem diversos galhos e ramificações, que servem para funções concretas. Segundo Joana Cruz:

O teatro do oprimido assenta em três grandes princípios, que são as suas propostas mais fortes: a reapropriação dos meios de produção teatral pelos oprimidos, a quebra da quarta parede que separa o público dos atores e a insuficiência do teatro para a transformação social, isto é, a necessidade de ele se integrar num trabalho social e político mais amplo.

(Disponível em: <https://oprma.wordpress.com/o-que-e-oprima/about/>. Acesso em outubro/2016.)

Grandes apoiadores das ideias de Boal foram as CEB's (Comunidades Eclesiais de Base) e a Pastoral Carcerária, ambas lideradas pela Igreja Católica, e os movimentos sociais, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Logo, participavam camponeses, operários, estudantes e artistas, inicialmente em lugares clandestinos e, na sequência, em igrejas, sindicatos, prisões, etc.

Em Porto Alegre a vida intelectual independente sobrevivia em guetos. Um dos mais conhecidos foi a "Esquina Maldita", localizada diante do campus central da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Segundo Nicole dos Reis (2007, p. 09) foi "um ponto de discussão das questões políticas locais e nacionais pelos intelectuais e artistas da época. Era o surgimento de um espaço de contestação em um bairro, o Bom Fim". Já de acordo com o jornalista Juremir Machado da Silva:

Foi um espaço que intensificou as lutas pela emancipação da mulher, fortaleceu-se o respeito pelos homossexuais, combateu-se o machismo, viveram-se radicalmente os sonhos das relações abertas e da liberdade sexual. Ou seja, partiu-se para a defesa das diferenças. Pela esquina maldita, Porto Alegre mergulhou na pluralidade cotidiana, caminhou em direção ao direito à singularidade e aprofundou-se no exame e na recusa do conservadorismo moral. (SILVA, 1991, p. 63)

E, ao falarmos de pluralidade, lutas e busca pela justiça, não podemos esquecer de Chico Buarque de Hollanda, especialmente com sua obra “Roda Viva”. A peça não tinha a ver com política, mas com a trajetória de um cantor massificado pelo esquema



da televisão. Foi escrita no final de 1967 e estreou no Rio de Janeiro, no início de 1968. A temporada no Rio de Janeiro foi um sucesso, mas a obra virou um símbolo da resistência contra a ditadura durante a temporada da segunda montagem, com Marília Pêra e Rodrigo Santiago. Um grupo (de cerca de 110 pessoas) do Comando de Caça aos Comunistas - CCC - invadiu o teatro Galpão, em São Paulo, em julho daquele ano, espancando artistas e depredando o cenário.

O ano de 1968 foi considerado como "O ano que não terminou", pois foi extremamente movimentado e cheio de fatos relevantes, em nível mundial, como o assassinato do ativista negro Martin Luther King e do presidente norte-americano Robert Kennedy, a Guerra do Vietnã e, no Brasil, a instituição do AI-5 pelo então presidente Costa e Silva. Para o historiador e escritor Elio Gaspari

Talvez o ano mais trágico de toda história do teatro brasileiro foi 1968. A censura assume um papel de protagonista na cena nacional, declara guerra contra a criação teatral, torna-se incomodamente presente no cotidiano dos artistas. Em janeiro o general Juvêncio Façanha que no ano anterior mandou o ameaçador recado para os artistas "Ou vocês mudam, ou acabam", uma estarrecedora declaração, que define com clareza a atitude do regime com a atividade cênica: "A classe teatral só tem intelectuais, pés sujos, desvairados e vagabundos, que entendem de tudo, menos de teatro". (GASPARI, 2014, p. 131)

Nem por isso o meio teatral se acomodou. Procurou frestas, inventou uma linguagem cifrada ou aproveitou entrelinhas, refugiou-se em locais onde não era possível o exercício da censura prévia, porém a classe média não participava do teatro, influenciada pela campanha que o esquema dominante havia desfechado contra ele, fazendo-o parecer perante a opinião pública como um antro de perversões, violências e subversão. O mais prudente para o provável espectador era passar longe das bilheterias.

Outro fato histórico a ser ressaltado no ano de 1968 foi o assassinato do estudante Edson Luis de Lima Souto, no dia 28 de março, aos 18 anos, por um policial militar, quando participava de uma manifestação pelos direitos do Restaurante do Estudante, mais conhecido como Calabouço – um centro social estudantil, que virou espaço de resistência. O crime catalisou uma onda de manifestações durante a ditadura. Com medo do corpo do jovem ser sequestrado pela polícia, os jovens decidiram carregá-lo até a Assembleia Legislativa, onde milhares de pessoas, em sua maioria

jovens, puderam acompanhar o velório, onde, segundo o jornalista Wanderley Preite Sobrinho, ecoava o grito: “Mataram um estudante, podia ser seu filho”

Vale salientar que a partir de 68, o acirramento da repressão e da censura, ocorrido com a promulgação do AI-5, causou o esfacelamento de importantes grupos teatrais que atuavam até então em resistência ao regime, como o Teatro de Arena de São Paulo e o grupo Opinião. No entanto, peças emblemáticas desse período (chamado ‘teatro de resistência’), só foram montadas a partir de 1978, com o início do processo de abertura política no Brasil, entre elas “Murro em ponta de faca” (texto emblemático da dramaturgia brasileira, escrito por Augusto Boal durante seu exílio no exterior, apresenta a vivência de um grupo de exilados brasileiros na época da Ditadura no Brasil em sua trajetória pelo Chile, Argentina e França) e “Liberdade, Liberdade”, (autoria de Millôr Fernandes e Flávio Rangel. A obra traz o inconformismo da nação perante o arbítrio e a repressão do regime, inaugurando um estilo de espetáculo que viria a ser chamado “teatro de resistência”). Após as questões relatadas neste capítulo, podemos elaborar o recorte da cidade de Bagé/RS, que responde e atenda nossos questionamentos sobre o que era produzido, estudado e encenado na cidade na década de 1970, em que, nos seus anos finais, uma abertura política ia sendo pensada, porém, com a censura ainda muito ativa e presente no dia a dia. Vejamos como os movimentos literário-teatrais de Bagé (cidade com vários quarteis e um general “filho desta terra” na presidência e com sua população, na grande maioria, conservadora) resistiram. Utilizamos o termo “resistir” porque, mesmo com toda censura e repressão que pudesse ocorrer e as demais dificuldades encontradas, especialmente financeiras, o movimento não se calou e manteve-se ativo por inúmeros anos, em pleno auge da ditadura. Sim...uma ditadura que não cala!

#### **4 MOVIMENTOS LITERÁRIO-TEATRAIS EM BAGÉ NA DÉCADA DE 1970**

*“O povo que não cultiva e não fomenta seu teatro, se não está morto, está moribundo”*

O sentimento do poeta e dramaturgo Federico García Lorca, na frase acima, descreve com maestria alguns tópicos que veremos neste capítulo. A cidade de Bagé, localizada a aproximadamente 400 km da capital gaúcha, Porto Alegre, possuiu vasta importância e relevância no cenário político nos anos de ditadura militar. Por ser uma cidade próxima à fronteira e com a presença de vários quarteis, o apoio à realidade nacional era nítido nos governantes municipais, os quais aspiravam posições de

destaque em nível estadual e nacional. O maior exemplo de bajeense bem-sucedido à época foi o general Emílio Garrastazu Médici, Presidente da República de 1969 à 1974. A população, em sua grande maioria, apoiava o regime militar, salvo aqueles considerados “rebeldes” que queriam expor sua liberdade de pensamento e posicionamento, embora sendo restringidos.

Retornando à citação de Lorca, mesmo com essas questões políticas marcantes e presentes, o cenário cultural de Bagé não se abalou, mas reinventou-se e foi sendo pensado e dinamizado por pessoas apaixonadas pelas artes e pela literatura. Neste capítulo, veremos alguns fatos presentes ainda na memória de pessoas que viveram essa época com plenitude e, também, notícias veiculadas no Jornal *Correio do Sul*, que possam salientar, problematizar e organizar o que estaremos aqui propondo. O referido jornal era o único de circulação diária na cidade, de linha extremamente conservadora, dos proprietários ao editor, em suas oito páginas em preto e branco. Segundo o professor e historiador Cláudio Lemieszek,

O *Correio do Sul* era um jornal ultra-conservador. Seus proprietários eram acionistas, conservadores, a maior parte produtores rurais ou empresários, profissionais liberais. Foi fundado pelos federalistas. O jornal tinha e manteve essa posição durante a revolução, inclusive apoiando-a escancaradamente. Havia interferência muito direta do diretor (Mário Lopes) nas matérias publicadas, o qual era um jornalista extremamente identificado com a direita e o regime e, obviamente, nada era publicado sem o seu aceite.  
(Cláudio de Leão Lemieszek)

O Jornal *Correio do Sul* foi fundado em 20 de setembro de 1914, sendo extinto em 31 de dezembro de 2008. O recorte desta pesquisa (década de 1970), mostra nitidamente um órgão de imprensa que noticia fatos de censura e repressão, porém, em nível internacional ou nacional, sendo estes em centros maiores como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, por exemplo.

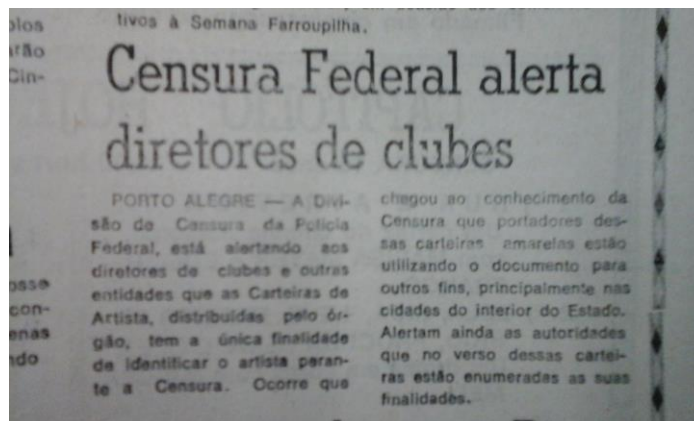


Foto 01: Jornal *Correio do Sul* de 19 de setembro de 1975, p. 04

Em termos de expressão cultural, Bagé sempre foi conhecida e reconhecida pelo seu carnaval: a participação popular era efervescente e os concursos para “rei-momo” e rainhas de clubes era concorrido. Vale aqui a percepção de que, especialmente em cidades de pequeno a médio porte, os clubes (geralmente dois ou mais) eram destinados a determinadas classes sociais e/ou gêneros. Muitas vezes, por exemplo, pessoas brancas tinham acesso a clubes em que cidadãos negros não participavam, ou vice-versa. Essa atitude dos proprietários (a qual muitos participantes e associados comungavam) era de extrema discriminação, seja ela racial, social ou cultural. Especialmente as elites gozavam de extrema superioridade e, o fato de frequentar determinado clube, era também motivo de *status* na comunidade local. Ainda hoje se observa essa prática em algumas localidades em que as igualdades e o respeito são postas em segundo plano.

Analisando o período do qual este capítulo trata, ano a ano, é nítido o crescimento carnavalesco na cidade, e o jornal se propõe a divulgar, convidar e animar para tais momentos da população. Porém, em outras áreas de lazer e cultura, o município deixava a desejar, especialmente nos meses de férias: a própria juventude bajeense reivindicava espaços, direitos e momentos de “divertimento”, como podemos perceber na imagem a seguir:

# Juventude protesta: em Bagé não há divertimento

Basta se passar a qualquer hora do dia ou da noite na zona central da cidade para se notar que o movimento foi sensivelmente reduzido. Férias, viagens, temporada na campanha no estabelecimento da família ou de um amigo, pescarias em profundão e mil e um motivos que contribuem no esvaziamento da cidade. Nem todos entretanto têm esta chance. Existe, talvez parcela maior, muita gente que continua na cidade, também por mil motivos. No entanto os que ficaram não são suficientes para deixar de se notar o esvaziamento. Parece um paradoxo, mas é verdade. Os que saíram a esta hora devem estar aproveitando bastante, conhecendo coisas e gente novas ou revendo ambientes próprios de férias. É os que ficaram de que forma enfrentam o verão? Para responder à esta última pergunta, resolvemos sair a perguntar especialmente para a juventude. Daí surgiu a manchete acima, pois a decepção dos que ficam é enorme e a queixa da falta do que fazer é generalizada.

### AS OPINIÕES

Isolda, uma garota bonita de 16 anos, esboçando a ideia que "fora um papo com amigas no centro e às vezes um cinema, nada mais há para fazer". Logo adiante o Mariano, também 16 anos e estudante, disse da sua preocupação por não ver os fins de semana: "Ando sempre cheio de um aniversário para o fim de semana. Quando não encontro é zebra total". Constatando a conversa com ele, quase convenço que, não tendo namorada, não é muito difícil encontrar aniversário, pois sempre existe um "às vezes com reunião-dançante, isto é dos bons, outros só na metade da festa é que se arrasta os móveis para dançar. Sempre se dá um papo". Segundo ele, o segredo é não ter namorada, "senão se fica amarrado demais". Sobre a solução da namorada para vencer o problema, o Luiz Carlos, que já tem 22 anos e recém se formou em Veterinária, em Santa Maria, acredita que "ou se tem uma namorada ou um carro. Não tendo nenhuma das duas coisas fica tudo mais difícil". Ele se queixa também dos barzinhos onde se poderia tomar alguma coisa durante um bom papo. Na sua opinião "aquí tem muito poucos e até uma lancheria bacana inexiste". A piscina, sem dúvida poderia ser um bom programa, mas, no agito da Rita, 17 anos, estudante, ajuda mais. Antes de dizer como passa os seus dias de férias, ela pensou um pouco e falou: "Pela manhã alguma ajuda em casa, papo com alguém e é melhor quando se tem algo a comprar no centro; à tarde quando dá piscininha, muito bem, quando não dá é horrível, pois metade da noite é dormindo; à noite é sair, subir e descer a sête, muito papo e nada mais. sair não tem a TV ajuda".

### OS QUE TRABALHAM

Fora os que só estudam e que por isso estão em férias, existe igual problema para os que trabalham. Para estes o verão traz o problema de dormir mais tarde, o que provoca mais sono pela manhã na hora de iniciar o expediente. A balconista Luiza, que tem 20 anos de idade e três de profissão, acredita que Bagé fica devendo muito para Pelotas, Rio Grande e até para Cachoeira do Sul. "Tenho parentes também comerciárias nestas cidades que já me contaram que saem da loja e espelham a tarde com um papo na confeitaria ou no bar mais bonito do centro. Aqui, não se pode fazer isso, pois não há onde ir. Já imaginaram uma moça tomar um drinque no bar? A única solução é ir "de mãozinha" com o namorado para casa e fim". Sobre os sábados e domingos ela nem gosta de falar, pois "só vai ao cinema".

### O QUE FALTA

Diante de tanta queixa sobre a falta de divertimento em Bagé, fomos alterando a pergunta para outros entrevistados. Já queriam saber o que falta, qual a solução, o que gostariam que Bagé tivesse. Não foi possível saber o que queriam, pois a maioria respondeu simplesmente "não sei", ou então "qualquer coisa que agrade". Para a decepção não ser maior, procuramos alguém de mais idade, um casal, por exemplo. Mário e Luiza, casados há dois anos e meio, ambos trabalham, têm dois filhos, um muito pequeno. Ele falou que joga futebol quase todos os sábados e domingos. Ela disse que hoje cuida da casa não pode pensar nisso, mas "no meu tempo de namorada era horrível. Era cinema todos os domingos e um baile lá de vez em quando". Como também aí não se encontrou realmente o que falta para que tenhamos mais diversões, vamos continuar pesquisando para ver como agrada nossa gente jovem, ou como ajudá-los a passar o tempo.

### O QUE SE OBSERVA

Deixando de perguntar passamos a observar o que realmente temos, ou melhor o que nossos jovens fazem para vencer o tempo. Os jovens que possuem a chance de dirigir o carro da família, ou o próprio, não dispensam detalhes. Subir e descer a Sête o mais devagar possível e estacionar, para rodar de bom papo com uma boa turma, o próprio carro. Preferem a quadra das galerias e a da praça Rio Branco. Fora disso visitam as duas sorveterias e de lá saem com seus copinhos de doze pela maioria, pois nenhuma são deixadas de lado adequada. Os barzinhos são refrigerados e funcionam mais em tempo de aula. Fora disso, as piscinas na parte do dia, quando o tempo ajuda. Raciocinando bem, eles devem ter razão, pois Bagé não oferece muito para se divertir.

**custará Cr\$ 2,06**

do Nacional de Petróleo divulga

Foto 02: Jornal *Correio do Sul* de 10 de janeiro de 1975, p. 08

Porém, em locais não muito distantes do centro e da juventude, havia possibilidades de “divertimento”, porém estas, não eram divulgadas pelo jornal com a mesma importância do carnaval ou dos cinemas, por exemplo. Na matéria acima, os jovens relatam que a ida ao cinema é uma das poucas possibilidades dos fins-de-semana na cidade e, realmente, na época, o município era bem servido, com várias possibilidades, entre elas, o Cine Glória e o Cine Avenida, conforme foto abaixo:

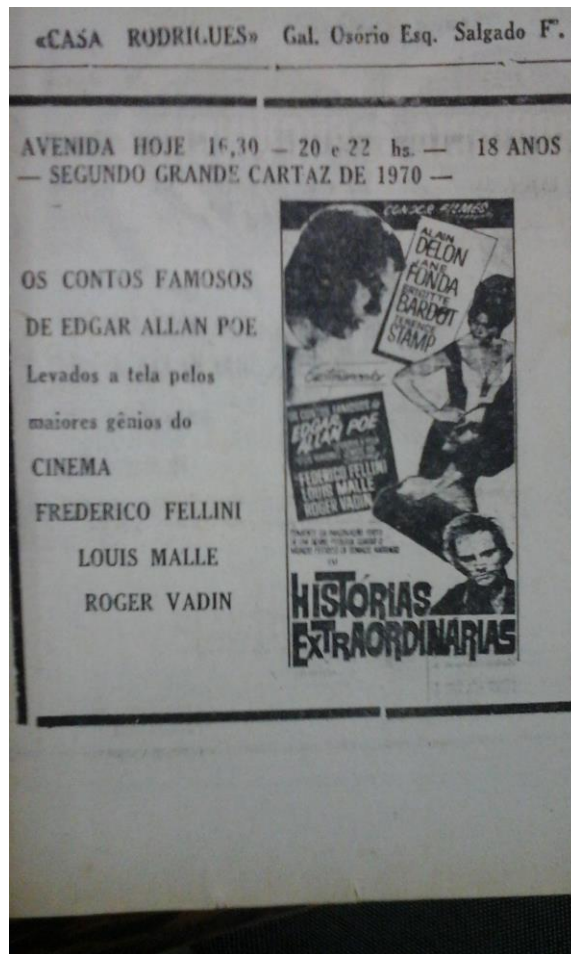


Foto 03: Jornal *Correio do Sul* de 04 de janeiro de 1970, p. 07

Dada esta primeira concepção acerca da realidade local à época e do veículo impresso de circulação diária, assim como um breve relato de sua postura e ideologia, vamos adentrar ao tema deste capítulo: os movimentos literário-teatrais da cidade. Embora com inúmeras dificuldades e o fantasma da censura batendo à porta, nossos atores e atrizes não foram omissos e calados perante as intempéries, pelo contrário: buscavam e lutavam por espaços alternativos capazes de fomentar e aumentar o gosto pela literatura e pelo teatro e, através do encontro, fortalecendo círculos de amizade e criando novas. A seguir, um exemplo de um grupo amador de teatro que conseguia dividir o tempo entre os estudos e os palcos.

#### **4.1 Grupo de Teatro Tio Patinhas: o teatro em uma escola católica**

Nas ruas de Bagé ecoava um clamor por momentos culturais e de lazer, na década de 70. Os adolescentes e jovens sentiam-se entediados com a mesma rotina,

buscando formas de diversão e entretenimento. A partir desse anseio dos alunos do Instituto São Pedro de Educação e Assistência (ISPEA), o jovem seminarista Pedro de Melo, que chegara em Bagé ainda no final da década de 60, embasado pela sua paixão pelas artes cênicas, decide montar um pequeno grupo para conversar e estudar sobre teatro. Segundo o próprio diretor do grupo, em entrevista concedida para este trabalho, a criação se deu “a pedido do diretor do ISPEA na época (Padre Honorino João Muraro). Criamos um grupo de teatro do qual faziam parte crianças, adolescentes, jovens, adultos e pessoas do bairro, inclusive pais de alunos”. O grupo Tio Patinhas proporcionou inúmeras encenações, em sua maioria religiosas, tanto no auditório da instituição, quanto em escolas do bairro e demais locais a convite. Ainda segundo Melo, a apresentação que talvez tenha sido mais relevante fosse o drama “A carteira fatal”, pois, para ele, “a peça falava de uma família cujo pai foi preso inocentemente por causa de uma carteira que ele achou cheia de dinheiro, a qual estava ensanguentada, resultado de um assassinato por roubo. O cara que matou, na fuga, perdeu a carteira. É um drama muito lindo, emocionante. Nós conseguimos fazer a plateia se emocionar”.

Porém, indo ao encontro da temática deste trabalho que trata acerca da resistência à censura, ao ser questionado sobre alguma possível repressão à época, o diretor do grupo é enfático ao salientar que sim, conforme excerto da entrevista:

Na Semana Santa, estávamos ensaiando e preparando uma peça, montagem de um texto (não lembro o autor) muito crítico, que fazia um apanhado do sofrimento de Jesus Cristo e o sofrimento do povo. Foi multiplicado o texto pro grupo decorar e ensaiar. Estávamos todos reunidos ensaiando, apareceram umas pessoas que ficaram assistindo o ensaio. Depois que todos saíram para suas casas, essas pessoas que estavam assistindo, me fizeram umas perguntas: Quem eu era, o que eu fazia, quem montou a peça...Depois pediram pra falar com o diretor do ISPEA. Assim que foram embora, o diretor me chamou e me proibiu de levar em cena, apresentar. No momento eu não obedeci, continuei ensaiando. Alguém me entregou, fui chamado pelo diretor. No dia seguinte, aquelas pessoas viram ter comigo e recolheram todos os textos. O que eles fizeram com os textos, não sei.  
(Pedro de Melo)

Percebe-se que, mesmo tratando um tema religioso, alinhando o sofrimento de Cristo aos sofrimentos do povo à época, certamente a censura barrou a continuidade do projeto, dados os elementos reflexivos expostos por ela, com os quais o público poderia se familiarizar. Certamente, a ditadura era contrária a qualquer forma de expressão cultural que fosse ao encontro do pensamento crítico e reflexivo da população. A

desobediência a essas normas e regras, nitidamente, forçava o sujeito a uma mudança de atitude, ou então, uma “saída de cena” até a situação retomar a normalidade.

Sendo assim, torna-se importante ressaltar aqui, também, que ao final do ano letivo de 1971, o então seminarista Pedro recebeu a notícia de sua transferência de Bagé, oriunda do Inspetor da Congregação dos Salesianos de Dom Bosco. Devido à formação religiosa, todo e qualquer jovem, ao ingressar na congregação, deve fazer os votos de pobreza, castidade e obediência, sendo, este último, motivo para transferir e/ou nomear alguma função ao obediente, de acordo com as necessidades da inspetoria. Pedro afirma não saber se o motivo de tal atitude foi realmente necessidade dos irmãos ou se, em algum momento, o fato ocorrido na Semana Santa colaborou para a decisão dos superiores.

#### 4.2 A Ditadura na/da Igreja Católica presente em Bagé

No relato anteriormente descrito, percebemos a forte influência da igreja em questões particulares e pessoais: muitas vezes, para seguir determinada doutrina, é preciso dispor de suas vontades, anseios e regalias, tendo em vista um objetivo maior vocacional. Muitos religiosos, nos anos da ditadura, opuseram-se ao regime, sofrendo consequências duras externas como prisões, por exemplo, e internas, como possíveis repreensões de seus superiores religiosos. Para ilustrar este comentário, veja-se a notícia abaixo:

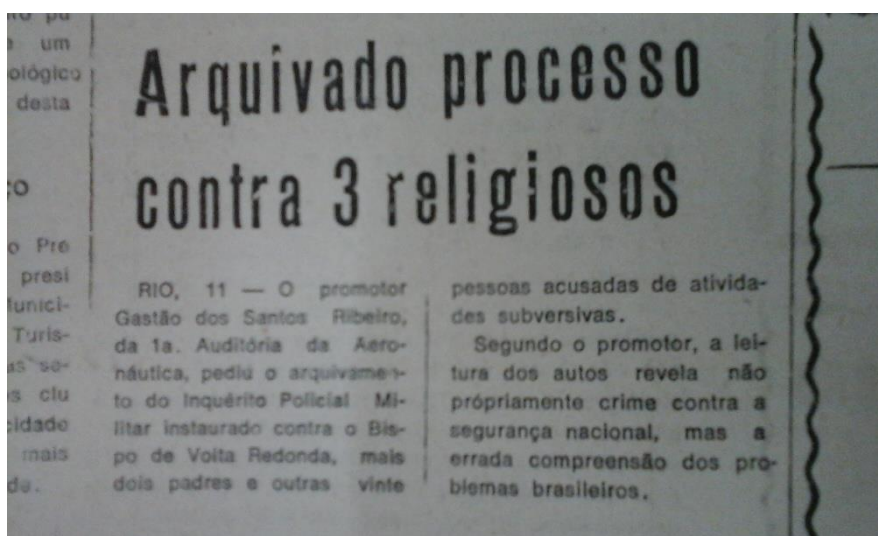


Foto 04: Jornal *Correio do Sul* de 12 de janeiro de 1972, p. 06



A liberdade, também nos templos sagrados, era cerceada e limitada. A hierarquia era fundamental e estabelecia os rumos adotados pela Igreja<sup>3</sup> enquanto instituição religiosa e deveras conservadora. Conforme o Direito Canônico, o Santo Padre (Papa) era o maior responsável pela instituição, delegando, assim, os cardeais e bispos para, em seus locais de atuação, “pastorearem” o povo de Deus daquela localidade, orientando e norteando a caminhada local da igreja. Aqui em Bagé, durante a ditadura, Bagé contava com seu segundo bispo diocesano, Dom Ângelo Mugnol, figura querida pela comunidade e pelo clero. Entramos neste aspecto para introduzirmos a fala do padre João Pedro da Silva Peres, que questionado acerca da posição da Igreja Católica no período salienta que, embora tenha sua posição pessoal, não possui autorização do bispo para posicionar-se sobre o tema, devendo a pergunta ser dirigida ao atual líder diocesano. A Igreja é considerada a “mãe”, sendo assim, institui algumas regras, normas e valores em busca do melhor convívio entre seus “filhos e filhas”.

Aproveitando o ensejo, continuamos a relatar aqui trechos da conversa com o padre acima citado, João Pedro Peres, carinhosamente conhecido em Bagé pelo seu apelido de “Padre Peteleco”, que no final da década de 1970 foi designado como pároco da Paróquia de São Pedro e assessor da Pastoral da Juventude da Diocese de Bagé. Com relação ao grupo de jovens, padre Peres recorda que reuniam-se nas dependências da comunidade paroquial em horários alternativos, visto que os participantes, em sua maioria, trabalhavam durante o dia e estudavam à noite. As reuniões de grupo ocorriam após a rotina de trabalho e estudo, por vezes, alongando-se até a madrugada. Segundo o padre, ao relatar sobre o cronograma dos encontros

Tínhamos, após um momento de oração-interiorização a partir da Palavra de Deus, um belo aprofundamento ou estudo referente a temas ou fatos acontecidos naqueles dias e/ou naquele momento ‘cidadão-político-religioso’ que se vivia; também, por vezes, cantávamos e/ou ensaiávamos cantos diversificados.

Éramos um grupo significativo de mais ou menos 15 a 20/25 jovens; moços e moças. Sempre, após a reunião, os moços se comprometiam a acompanhar as moças até suas casas antes de se dirigirem para a própria casa. Sempre houve muita seriedade.

(João Pedro da Silva Peres)

---

<sup>3</sup> Referimo-nos, aqui, à instituição católica apostólica romana, com sede no Vaticano, sob liderança do então Papa Paulo VI.

Porém, em determinado momento, segundo o padre, “houve (para bem da verdade não fiquei sabendo concretamente de quem partira), denúncia caluniosa e extremamente maldosa, para alguma das famílias das jovens que participavam no grupo de jovens”. Tal acontecido fez com que o religioso, em consenso com alguns pais de participantes, decidissem suspender, por tempo indeterminado, às atividades juvenis realizadas na comunidade. Conforme o religioso, “sempre aparecem pessoas que com requinte de maldade e diabólicas intenções procuram interferir, desfocalizar, distorcer e até destruir determinada ação positiva e participativo-educadora que esteja acontecendo ao seu redor”. Não se sabe a origem da possível denúncia, nem o padre expôs seu conteúdo, porém, ao finalizar, ele afirma que “a pessoa do grupo que tinha ficado diretamente encarregado de maior averiguação, sobre provável infiltrado do grupo que originou o fato, não me deu retorno. Preferi não forçar. Que pena. Paciência!”. Os motivos pelos quais esse silêncio se fez presente é uma das incógnitas que o sacerdote carrega e que também comungamos ao concluir a entrevista<sup>4</sup>.

### **4.3 A arte difundida e propagada na Rainha da Fronteira nos anos obscuros da ditadura**

Conforme já citado nos capítulos anteriores, a pesquisa a este trabalho deu-se, sobretudo, nos arquivos do jornal *Correio do Sul*. É nítido o posicionamento do órgão de imprensa acerca da ditadura militar: vale ressaltar o período em que o Brasil foi presidido pelo bajeense General Emílio Garrastazu Médici. Em suas visitas à Rainha da Fronteira, é perceptível o olhar cuidadoso e carinhoso do jornal com o presidente que visita sua terra-natal, conforme observamos na figura abaixo:

---

<sup>4</sup> Confira, nos anexos deste trabalho, a entrevista, na íntegra, com o padre João Pedro da Silva Peres



Foto 05: Jornal Correio do Sul de 03 de março de 1970, p. 01

Segundo o professor e historiador Cláudio Lemieszek, o governo Médici deixou um legado de obras importantes para Bagé e, ao menos aqui na região, os relatos de prisões e mortes, em seu período como presidente, eram escassos ou quase nulos. Os pontos negativos de sua gestão são inúmeros, mas não nos cabe ressaltar, ao menos neste momento, dado os objetivos os quais este trabalho se propõe.

Apesar das dificuldades postas pelo regime militar em seus vinte e um anos, a arte e a cultura encontraram formas de “reinventar-se” e adequar suas práticas às imposições sancionadas pelo regime. Certamente, não foi tarefa fácil aos organizadores de eventos, especialmente públicos, pois deviam cuidar com detalhes para que a ordem pública não sofresse transtornos, segundo os agentes militares.

Na década de 70, os meses de janeiro e fevereiro em Bagé eram voltados à preparação do carnaval, especialmente nos clubes da cidade. A população mostrava profundo interesse nos dias de festa, talvez, por Bagé não dispor de espaços públicos de recreação e divertimento, embora parcela da população (aquela que detinha um maior poder aquisitivo) se aventurasse fora da cidade, aproveitando os dias de descanso e feriado. O grupo musical “Os Rebeldes” aproveitava a oportunidade para divulgar seus trabalhos e incentivar a prática carnavalesca, proporcionando ensaios abertos à comunidade e promoções interativas com o ouvinte da Rádio Difusora, emissora radiofônica presente até hoje em Bagé.



Foto 06: Jornal *Correio do Sul* de 01 de fevereiro de 1970, p. 06

Foto 07: Jornal *Correio do Sul* de 10 de fevereiro de 1972, p. 07

Outra notícia importante, encontrada no jornal *Correio do Sul*, trata sobre as determinações da censura para as festividades carnavalescas. A chamada “Seção de Censura de Diversões Públicas da Divisão da Polícia Federal” era responsável por controlar, fiscalizar e aprovar as determinações e requerimentos, enviados à ela, pelos clubes, blocos e demais entidades, desde as vestimentas utilizadas até as músicas escolhidas, sobretudo as marchinhas e sambas-enredo. O descumprimento das regras impostas acarretaria na suspensão da atividade e, segundo o jornal, essas determinações são “habituais e indispensáveis”. Confira:

## Determinações da Censura Federal para o carnaval

A Seção de Censura de Diversões Públicas da Divisão de Polícia Federal está fornecendo aos interessados uma série de determinações que devem ser observadas pelas clubes e entidades carnavalescas durante o próximo reinado do Momo. Em palestra com a reportagem, o sr. José Elgard Ramos Júnior, chefe da seção de Censura, prestou as informações, ao mesmo tempo em que está alertando os responsáveis quanto à necessidade de providenciarem na cumprimento dos dispositivos legais, para poderem realizar suas promoções, bem como para a total normalidade das festividades carnavalescas.

**BLOCOS**

Os responsáveis pelas entidades carnavalescas e clubes deverão solicitar previamente, através de requerimento, a censura de prêmios, grupos, cordões, ranchos, blocos, etc., acompanhados de duas vias dos desenhos e figurinos.

A censura referente aos prêmios e carros eletrônicos poderá ser feita no local onde os mesmos se organizarem, desde que seja requerida com a descrição e os títulos dos carros que constituirão o cortejo.

**LETRAS MUSICAIS**

Como se sabe, as letras musicais, sambas-enredo, saúbas de entrada e saída, devem ser antecipadamente censurados. Para tanto os interessados deverão requerer a censura através de requerimento, acompanhado de três vias das respectivas letras.

**BAILES**

Os requerimentos solicitando a prévia liberação de bailes carnavalescos deverão ser instruídos com duas vias do programa e uma via do contrato de trabalho.

**PRAZOS**

Todas as solicitações pertinentes ao período carnavalesco deverão dar entrada na Censura Federal até o próximo dia 25, implicitamente.

**DESCUMPRIMENTO DAS DECISÕES**

Finalmente, o sr. José Elgard Ramos Júnior fez um esclarecimento do maior interesse dos responsáveis pelas promoções carnavalescas e que diz respeito ao não cumprimento das determinações.

O descumprimento das decisões da Censura Federal, resultante de preceitos legais e regulamentares, acarretará a imediata suspensão das apresentações públicas e também dos bailes carnavalescos.

Como se vê, não existem maiores novidades. São as determinações habituais e indispensáveis e que já vêm sendo emitidas, mas são anualmente reiteradas a fim de que não passem despercebidas, especialmente no que se refere ao prazo concedido.

### COMDETUR promove hoje reunião com entidades carnavalescas bageenses

O Conselho Municipal de Turismo e Turismo promove hoje, às 20h30, em sua sede, importante reunião com os dirigentes de clubes, ranchos, cordões, blocos e saúbas de entrada e saída.

Atendendo que a reunião visa a discutir para os meses finalizados importantes aspectos relacionados com o próximo período carnavalesco, na sede de turismo.

**AJUDA**

Na reunião de hoje no COMDETUR será também discutida a ajuda financeira aos clubes e cordões, no sentido, para que suas condições tenham condições de se preparar para uma excelente festa no próximo carnaval, que promete superar à expectativa.

**BAILE MUNICIPAL**

A par de sua participação para que bailes e cordões tenham condições de trabalhar satisfatoriamente no carnaval, o COMDETUR não desmista também sua preocupação para o Baile Municipal, que será realizado no dia 7 de fevereiro, no Ginásio "Proletário Manoel".

Várias outras lições continuarão sua presença no conhecimento da literatura, que começa uma vez mais ser o ponto alto do Municipal, que este ano começa em regime de abertura atrevida de toda o Rio Grande do Sul, com o concurso que importantes eventos são realizados em 19 promoções semelhantes.

Áinda com vistas ao Baile Municipal serão colocados à venda nos próximos dias os ingressos para o grande espetáculo do dia 7, no "Manó".

Foto 08: Jornal *Correio do Sul* de 08 de janeiro de 1975, p. 08

Além das atividades carnavalescas, a década de 70 foi relevante para a literatura, apreciada pelos leitores do jornal *Correio do Sul*. Em suas páginas, espaços significativos a obras literárias e colunas sociais eram veiculados. Segundo a professora aposentada Elvira de Macedo Nascimento (Mercinha), sobre a crescente literária existente no período

Em Bagé, o que tenho a registrar, foi a presença talentosa de Ernesto Wayne (que fora preso e libertado) mestre em Língua Portuguesa e professor na FUNBA Criou, com a Faculdade de Belas Artes, dirigida por Marly Meira, o projeto “Álbuns Ilustrados”, em que poesias eram relidas plasticamente pelos artistas. Essas poesias expressavam, muitas delas, as angústias da época sendo um provocante vazadouro de angústias e contradições dos anos 70. Alguma que outra publicação alternativa atravessava o silêncio dos muros invisíveis da cidade. Era o tempo dos desertos exteriores e das profusas nascentes da alma. A dor tem seu alto poder criativo à disposição da sobrevivência da alma. (Elvira Macedo de Nascimento)

Resgatando o trecho da fala da professora, na qual refere-se aos “muros invisíveis da cidade”, notamos uma certa melancolia ao resgatar a memória deste tempo, em que nitidamente a censura avançava, constringia e obrigava os escritores e demais artistas a encontrarem novas formas de expressão, de acordo com o que era permitido pela censura federal. Certamente, esses ‘muros invisíveis’ oprimiam, frustravam e faziam com que a arte tivesse, muitas vezes, seu brilho ofuscado por uma determinação federal. E ela encerra seu comentário de maneira inspiradora e reflexiva: “A dor tem seu alto poder criativo à disposição da sobrevivência da alma”.

Para ilustrar o comentário da professora Elvira, recorreremos aos arquivos do jornal e encontramos dois momentos, em especial, que salientam e afirmam o que aqui foi mencionado. Por primeiro: a chamada “Coluna Universitária”, em que professores da FUNBA (Faculdades Unidas de Bagé), da área de Letras (sobretudo o chefe do departamento à época, prof. Ernesto Wayne), escreviam sobre determinadas obras linguísticas e literárias, inclusive, trazendo trechos da obra *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, por várias semanas. Em segundo: o espaço destinado também a professoras e alunas do curso, oportunizando publicações de poesias de suas próprias autorias, demonstrando a beleza da produção bajeense. Muitas vezes, em meio a essas publicações, críticas veladas eram escritas, passando despercebidas por aqueles que não tinham conhecimento das palavras ali mencionadas, expondo uma realidade na qual o acesso à universidade era somente voltado às elites intelectuais e detentoras do prestígio local. Confira, abaixo, dois recortes que escolhemos sobre o assunto: na foto 08, um exemplar da “Coluna Universitária” e, na foto 09, o poema “Se...” de autoria da prof. Maria da Graça del Duca Gomes, que trata sobre o olhar triste da autora para as dificuldades de uma criança pobre que, mesmo assim, aparenta ter esperança, conforme o excerto: “O loiro dos teus cabelos da poeira escureceu. Tuas vestes rasgadas e sujas mostram a miséria que em ti existe. Mas não és triste? A tristeza te esqueceu” e continua: “Criança, eu penso que mesmo assim és feliz. Eu disse que tu não tens esperanças e tu até ris”.

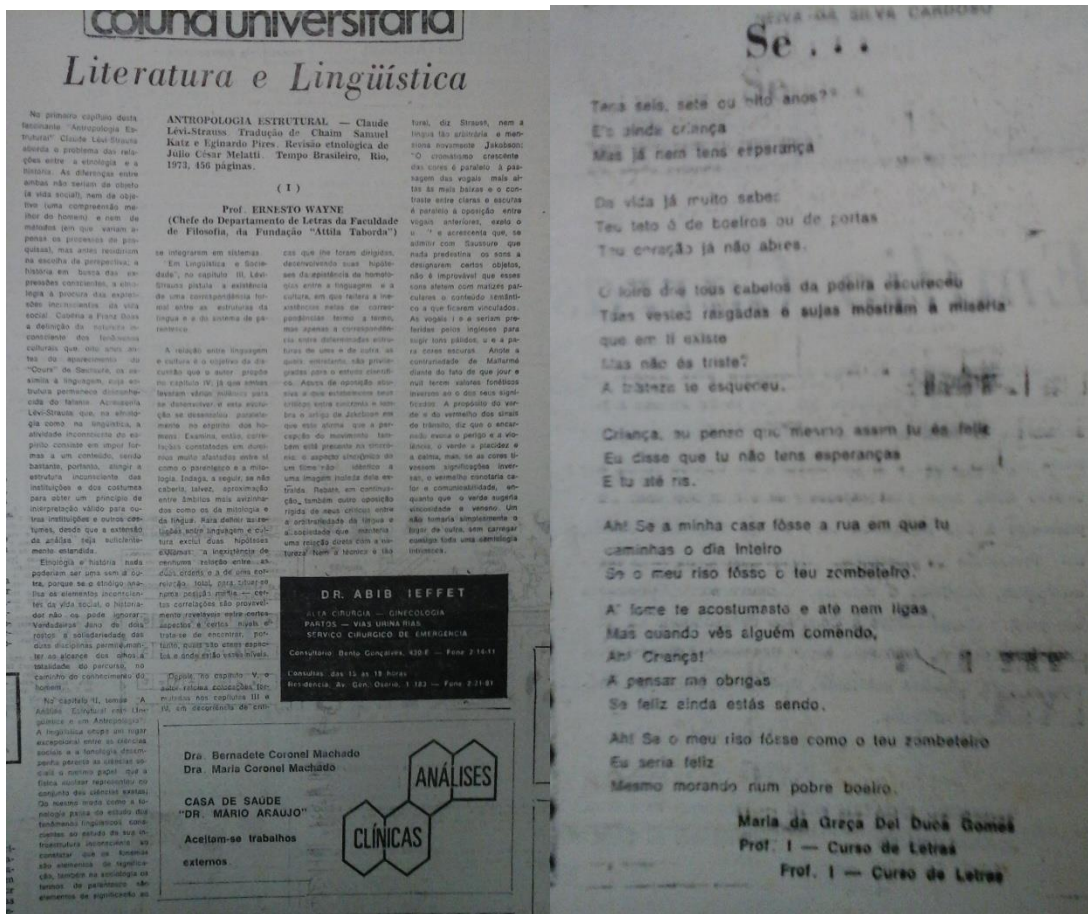


Foto 09: Jornal *Correio do Sul* de 08 de janeiro de 1975, p. 05  
 Foto 10: Jornal *Correio do Sul* de 17 de outubro de 1972, p. 06

Com relação aos “Álbuns Ilustrados”, citados por Elvira, exemplares os quais ela guarda com carinho, cuidado e dedicação, como relíquia do período/, observamos a beleza da poesia alinhada com a arte. Para cada poesia, uma pintura, enriquecendo e abrilhantando a produção literária e visual. É nítida a emoção da professora Elvira, visto que foi uma das incentivadoras e escritoras que abraçaram o projeto. Confira, abaixo, o poema “Última apresentação”, de Elvira Nascimento, um dos representantes da escritoras nos “Álbuns” e que, segundo ela, é o mais marcante, dada a crítica subentendida em suas linhas, em relação à ditadura:

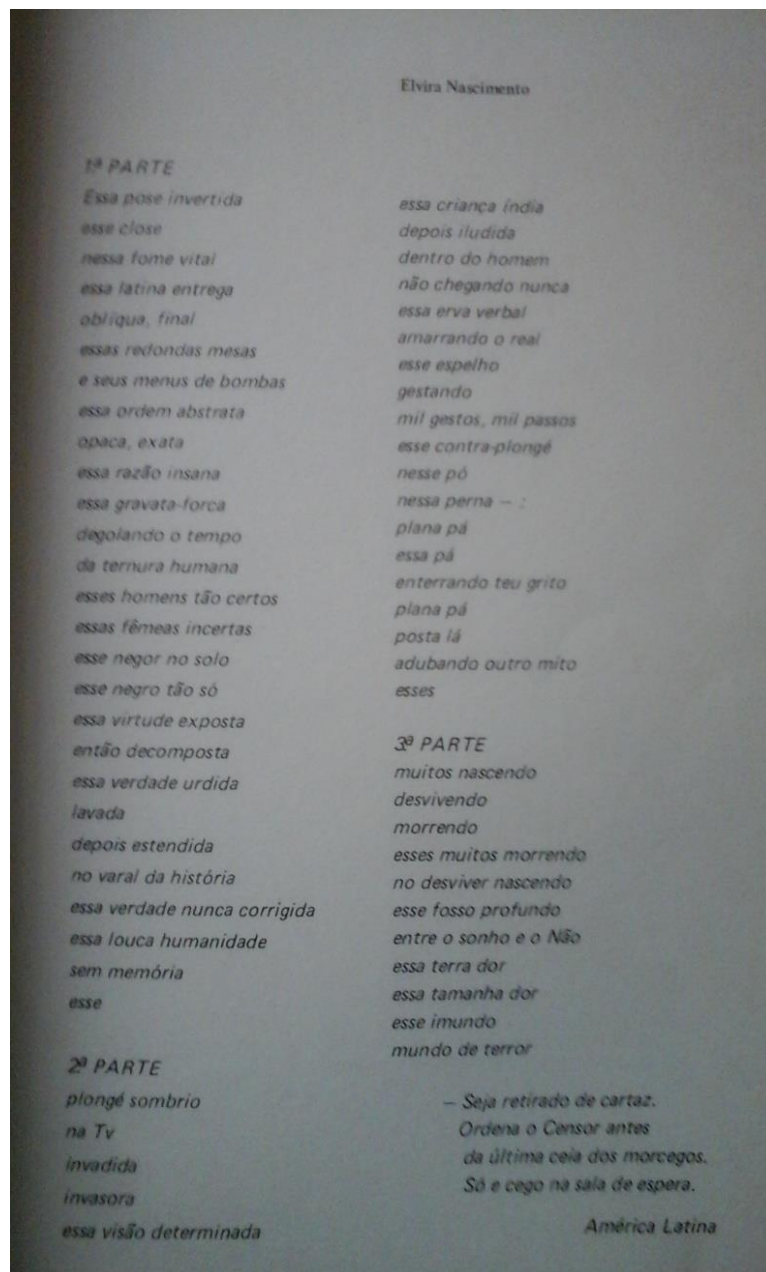


Foto 11: Arquivo pessoal de Elvira Macedo de Nascimento. Foto: Éderson Coitinho

O poema é dotado de forte rítmica em suas linhas, lembrando, nas entrelinhas, o ritmo imposto pela ditadura como um todo, obrigando autores a repensarem seus textos, deixando de lado a crítica exposta e explícita que ferve na imaginação e não pode ser transposta ao papel. Mesmo assim, na terceira parte do poema, a autora mostra sua angústia, tristeza e opinião: “muitos nascendo/desvivendo/morrendo/esses muitos morrendo/no desviver nascendo/esse fosso profundo/entre o sonho e o Não/essa terra dor/essa tamanha dor/esse imundo/mundo de terror”.



Ainda na conversa com a professora Elvira Nascimento, fomos agraciados com um depoimento sobre o tempo em que foi orientadora educacional do Colégio Estadual Carlos Kluwe, da região central de Bagé, que muito acrescenta neste trabalho, em se tratando de censura. A postura carinhosa de Elvira com seus alunos e o cuidado e zelo para com a profissão, a fizeram passar por um momento um tanto constrangedor o qual, graças a um acidente ou auxílio divino, ela escapou, possivelmente, de um julgamento. Confira, na íntegra, o relato do acontecimento e suas motivações:

Minha postura fortemente democrática e humanística me levou a ser vigiada e a ser responsabilizada por fatos que não tivera ingerência, como o debate sobre a Realidade Brasileira, realizado pelos alunos da Escola Carlos Kluwe em que eu era orientadora educacional. O fato me levou a ser inquirida no Quartel General da cidade por um capitão (não lembro o nome). A sala era pequena. Muitas perguntas foram feitas, inclusive sobre leituras de orientação comunista. Obras que eu não lera. Concluída a interrogação me mandou passar para um salão onde lançou a pergunta final. Seria a decisiva em comprometimento. Neste exato momento, um pedaço do teto do Quartel General caiu ao chão e ele, rapidamente, chamou o ordenança e me liberou com a mais ágil despedida de minha história: “passe bem, professora!” Até hoje pesa sobre mim a grande dúvida : seria um acidente meramente circunstancial ou uma força espiritual que tomara providências? Muito insólito.

Tive, por alguns meses, meu contrato de trabalho com o Estado sustado e fui ressarcida financeiramente, após entrar com processo auxiliada pelo hoje desembargador José Carlos Giorgis, colega dos tempos do Curso de Filosofia. Com o dinheiro devolvido comprei meu primeiro carro, um fusca. De alma extremamente democrática e movido a coerência.

(Elvira de Macedo de Nascimento)

O depoimento de “Mercinha” é valioso e fundamental para a seguinte reflexão: já vimos que a Igreja Católica tinha suas formas de “doutrinar” e nortear o posicionamento de seus líderes religiosos, sobre o que Roma julgava mais adequado para o momento histórico, social e cultural. Agora, percebemos a força da ditadura também na educação e nos processos de ensino-aprendizagem. A fala de Elvira nos mostra que o educador era fortemente controlado e, embora tivesse certa liberdade para preparar sua aula utilizando métodos os quais julgasse mais adequados, durante a mediação da proposta, deveria ter o cuidado com as palavras e, até mesmo, gestos, para que não fosse interpretado de maneira errônea, causando assim constrangimentos para si e/ou para a instituição de ensino. Mercinha salienta que

Eram tempos de silêncio. Não se falava declaradamente em liberdade e autonomia, a reflexão fora sumariamente suspensa e o pensamento crítico refém do medo. O professor tinha liberdade em sua aula mas ele mesmo estava autocensurado. Havia um clima de conspiração velado e os intendentes e líderes designados pelo Governo vigiavam rigorosamente a ordem, transferiam professores incômodos das escolas e executavam advertências.

(Elvira Macedo de Nascimento)

Certamente, para os docentes da década de 70, “professorar” era um ato de rebeldia, no sentido de não conformidade com o que estava posto, porém, e quase sempre, era necessário calar diante das imposições com o intuito de manter-se no emprego.

Da produção literária escrita, dialogada e ensinada, vamos agora para a literatura encenada: os textos ganhando “voz e vez” em palcos pelo Brasil afora em um período em que a produção teatral era fortemente vigiada. Nos arquivos do jornal *Correio do Sul*, temos indícios da forte “guarda militar” sobre as encenações. Relatos apontam que muitas peças não passavam pelo crivo da censura e, assim, deveriam ter seus ensaios imediatamente cancelados. A seguir, observamos dois exemplos veiculados pelo jornal:

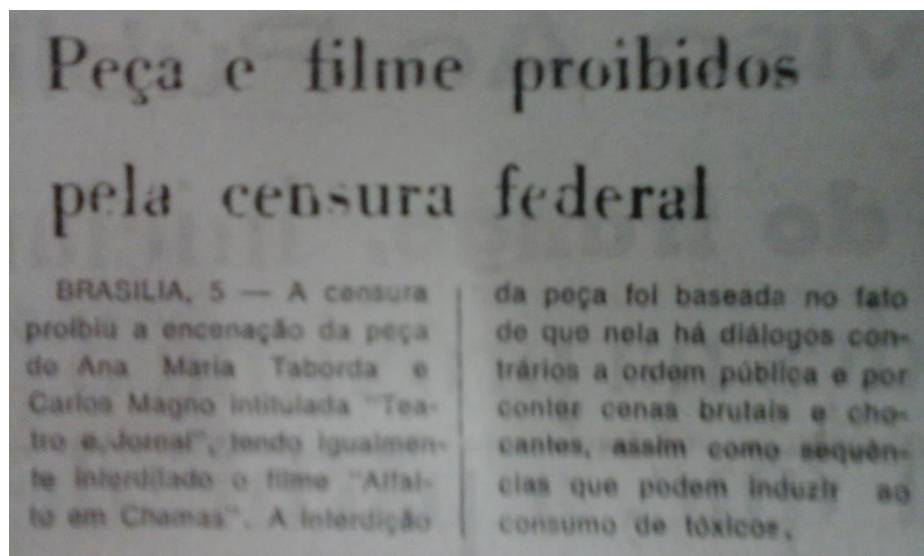


Foto 12: Jornal *Correio do Sul* de 06 de fevereiro de 1972, p. 04

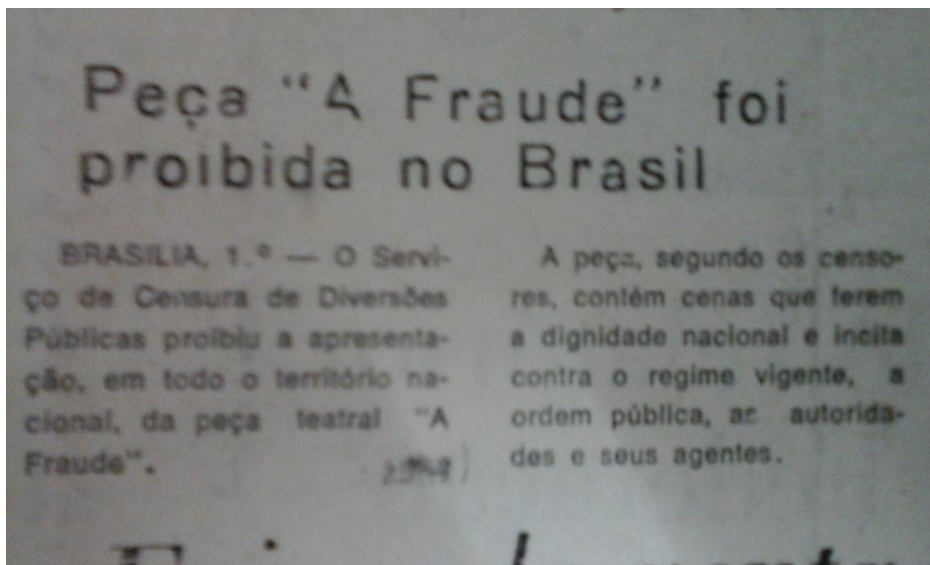


Foto 13: Jornal *Correio do Sul* de 02 de março de 1972, p.01

Conforme percebemos, ambas notícias são da cidade de Brasília/DF. Costumeiramente, o *Correio do Sul* veiculava notas sobre a censura em estados brasileiros e até países vizinhos, porém, não há, em nenhum momento, indícios e notícias de censura na cidade de Bagé. Pelo caminho que percorremos até aqui, acreditamos que isso não se dê devido à ausência da repressão em nossa região e sim, à “camuflagem” feita pelo jornal, especialmente pelos seus editores, acerca da escolha dos conteúdos a serem veiculados. Aquele famoso ditado vem à mente: “o que os olhos não veem o coração não sente”. E mais: noticiando prisões, censuras e proibições mesmo distantes daqui, era uma maneira velada de mostrar que a censura estava fazendo seu papel de fiscalização e também uma forma de coação, à medida que, tendo ciência dos fatos relatados no jornal, os leitores deveriam ficar espertos para que isso não fosse reproduzido por aqui.

A cidade de Bagé também recebeu artistas reconhecidos nacionalmente na década de 1970, como, por exemplo, os atores Procópio Ferreira e José Vasconcellos. O jornal *Correio do Sul* noticiou a vinda desses artistas, conforme percebemos nas figuras abaixo:



Foto 14: Jornal *Correio do Sul* de 15 de abril de 1972, p. 05



Foto 15: Jornal *Correio do Sul* de 10 de julho de 1975, p.08

Vale contextualizar, rapidamente, alguns traços de ambos atores. Procópio Ferreira (1898-1979), foi um ator, diretor e dramaturgo um tanto diferente dos perfis de galã da época

Narigudo, baixinho e sem pescoço, o antigalã interpretava não apenas os principais coadjuvantes cômicos, como, com seu lugar de primeiro ator do teatro brasileiro de seu tempo, leva os autores a escreverem

inúmeras peças para um protagonista interpretado no melhor estilo Procópio: o cômico inteligente que arma confusões, o feioso esperto que termina com a moça bonita. Dono de uma riqueza vocal rara, que ele usava nas mínimas nuances, o ator dava vida a cerca de 500 personagens.

(Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8154/procopio-ferreira>. Acesso em novembro/2016)

Segundo a biografia do autor, ele interpretou em 62 anos de carreira, mais de 500 personagens em 427 peças diferentes. Seu trabalho, “O Vendedor de Gargalhadas”, foi um monólogo que encantava e arrancava risos das plateias, vindo a Bagé bem no início da turnê, a qual concluiu em 1978.

José Thomaz da Cunha Vasconcellos Neto (1926-2011), foi um humorista, ator e diretor, considerado pelos seus colegas de profissão como o pioneiro brasileiro no gênero humorístico atualmente chamado de "*stand up comedy*". Sua peça, “O cidadão de araque”, retratava certos problemas dos brasileiros à época, como a inflação, a falta de produtos essenciais, o ar poluído, o trânsito e muitos outros dramas do cotidiano. Se, no início, tudo se refere a “araque”, no decorrer da apresentação o ator esquece a motivação e passa a contar anedotas, arrancando risos da plateia. Esteve em Bagé em apresentação única, assim como Procópio Ferreira, trazendo um pouco de colorido à cidade em épocas tão cinzentas.

Ao longo deste capítulo, perpassamos diversos movimentos literário-teatrais e culturais de Bagé na década de 70. Movimentos, estes, que resistiram bravamente às dificuldades do “fazer literário, cultural e teatral”, proporcionando à comunidade espaços de lazer e entretenimento, além dos cinemas instalados por aqui. No capítulo a seguir, conheceremos a “cereja do bolo” do cenário teatral bajeense nos anos 70.

## **5 GRUPO DE TEATRO MANIFESTO: INSISTÊNCIA, LUTA, CONSAGRAÇÃO**

Bagé: 1970. Em tempos onde o silêncio era a melhor forma de se manter livre, artistas e amantes da arte lutavam pelos seus sonhos, ideais e utopias. Não é fácil lutar contra um sistema que não incentiva e não apoia e, sobretudo, quando se é calado diante daquilo em que se acredita.

Porém, o comodismo não venceu alguns apaixonados pelo teatro que, desbravando as dificuldades e intempéries, uniram-se em busca de um ideal, primeiramente pessoal e, posteriormente, em nome de um grupo. Surgia, assim, no

início dos anos 70 em Bagé o Grupo de Teatro Manifesto: uma iniciativa sonhada, dialogada e incentivada pelos próprios atores e atrizes que, mesmo sem possuir grandes noções de teatro e postura perante os palcos, possuíam boa vontade e esperança em fazer nascer e crescer na cidade o gosto pelo teatro.



Foto 16: Jornal *Correio do Sul* de 15 de janeiro de 1975, p.08

O mês de abril de 1972 marca o início das atividades de um grupo de pessoas que se uniram, todos funcionários da Fundação Áttila Taborda. Deu-se a fundação de um grupo vinculado à faculdade, mas, por alguns motivos, a ideia não funcionou. A equipe, porém, de faixa etária entre 17 e 20 anos, não desistiu. Decidiram formar o almejado grupo fora da firma, nascendo assim, o Grupo Manifesto, entidade independente, preocupada com o desenvolvimento da arte dramática em Bagé.

O grupo tinha como objetivo fazer teatro, impulsionados pelas grandes companhias teatrais da época, dramáticas e de comédias. Os primeiros ensaios foram de uma peça infantil de Maria Clara Machado: “Rapto das Cebolinhas”. Assim, iniciavam sua trajetória.

A composição inicial contava com os seguintes participantes: José Tiaraju Taborda, Luiz Francisco Acosta, Ariosto Teixeira, Pedro Wayne, João Afonso Taborda, Walderez Nogueira, Otacílio Garcia, Miguel Costa e Maria de Lourdes Oliveira. Em 1975, surge uma oportunidade de ouro ao grupo: a ida a Aldeia de Arcozelo, no Rio de Janeiro. O desafio foi aceito e os ensaios começaram...

A peça escolhida era um texto de Roberto Freire, com um nome um tanto esquisito: “TRATIVELINDEPRAGLUTIFITOTINQUELUX”. Com direção de Ariosto Teixeira, apresentaram, inicialmente, no Salão da Igreja São José. A montagem contava com três atores, uma atriz, além do diretor e iluminador. A história infantil desenrola-se sobre os meninos internos em uma casa onde tudo era proibido, inclusive brincar; e uma menina que morava em uma estrela e, usando o arco-íris como meio de transporte, veio levá-los para o infinito, que poderia ser repleto de luz e liberdade. Mesmo não encontrando relatos maiores acerca do texto, podemos refletir sobre essas “proibições” ao mundo infantil em sintonia com as dificuldades impostas pelos militares ao “mundo adulto”, os quais eram norteados e limitados pelas proibições da censura. Certamente, essa relação não é ocasional e sim, intencional, à medida que, no período ditatorial, os militares vigiavam e ditavam as regras, assim como os adultos tratam suas crianças, porém estes, com um olhar carinhoso, visando uma educação norteada por valores éticos, morais e humanos. Com relação ao título - na linguagem teatral podemos considerá-lo um “trava-línguas”, dada a dificuldade (e diríamos impossibilidade) em realizar sua pronúncia, - temos aí outro aspecto fascinante: seria o título uma maneira de ludibriar e despistar a possível censura ao texto, dado que, através dele, o interlocutor não consegue saber o conteúdo a ser desenvolvido pelo autor? Com certeza, esse questionamento é mais um entre tantos os quais este trabalho proporciona e que não encontramos respostas nos anais da História. Logo abaixo, recortes do jornal *Correio do Sul* sobre a ida do grupo Manifesto ao Rio de Janeiro e a experiência proporcionada pela participação no festival.



Foto 17: Jornal *Correio do Sul* de 05 de janeiro de 1975, p. 02

Foto 18: Jornal *Correio do Sul* de 11 de março de 1975, p. 08

A “Aldeia de Arcozele” foi inaugurada por Paschoal Carlos Magno, em 1965, para ser um lugar onde jovens e artistas de todo o país pudessem desfrutar de todas as formas de criação e expressão artística. Carlos Magno, inclusive, visitou Bagé, a convite de Tarcísio Tabora, então do grupo viajar ao festival, proporcionando momentos de estudo e experiência sobre teatro. Sem dúvida, esta experiência proporcionada fora de Bagé foi enriquecedora e animadora, visto que as apresentações no Rio de Janeiro eram de casa cheia, três vezes ao dia, além das participações em aulas de expressão corporal, dicção e interpretação. Porém, mesmo com um trabalho consolidado, muitas dificuldades surgiam e, a principal delas, era a falta de local adequado para ensaios. Portanto, antes de falarmos de outros dois trabalhos do grupo de teatro, vamos dar uma pausa para conhecermos o Teatro de Bolso, uma iniciativa louvável de quem ama o que faz e digna daqueles que lutam para a concretização dos seus sonhos.

### 5.1. Teatro de Bolso: a persistência e a coragem do grupo Manifesto

Fazer teatro em Bagé era, a cada dia, uma incógnita e um problema: não havia lugar para ensaiar e apresentar os trabalhos. Além disso, as dificuldades financeiras



imperavam, visto que cada participante deveria tirar do seu bolso o dinheiro necessário para a produção, como figurino, objetos cênicos, som e luz, etc. Realmente, aqueles que não desistiam pelo caminho, demonstravam que os objetivos a serem alcançados eram maiores que as dificuldades encontradas no percurso.

Segundo a professora Elvira Nascimento, uma das apoiadoras e precursoras da iniciativa,

O Teatro de Bolso foi uma experiência humana inesquecível. Um pouco revolucionária. Nasceu nos braços meus e de Tarcísio Taborda, numa ampla sala da Reitoria da Fundação Attila Taborda de Bagé. Foi um desdobramento luminoso a partir de um evento simples e belo. A história começou quando a pedido do Tarcísio, então reitor, fui chamada a ministrar um Curso de Relações Humanas para os funcionários da Instituição. Eu atuava como professora de Psicologia na FUNBA. Os integrantes do curso seriam os fundadores do Grupo Manifesto. O fato desencadeador foi a culminância do Curso que ministrei a esses alunos-funcionários. Eles apresentaram, como culminância do trabalho, uma dramatização em cima de um poema do Drummond de uma forma tão original e vigorosa que, Tarcísio e eu, flagramos que ali residia um embrião de teatro, um potencial artístico a ser explorado. Pois esses meninos puseram a sua infância no bolso de uma esquina de Bagé, ali na esquina da Melanie Granier e Gal. Osório.

(Elvira de Macedo Nascimento)

Na fala de Mercinha, quando diz que ela e Taborda perceberam ali “um embrião de teatro e um potencial artístico a ser explorado”, nota-se que, se não estivessem ali, naquele momento, com o apoio e incentivos demonstrados, talvez não tivéssemos o grupo Manifesto. Graças ao entusiasmo da dupla, os alunos acreditaram que era possível e viável fazer teatro em Bagé.

Sendo assim, a esquina da Melanie Granier e da General Osório transformou-se no “Teatro de Bolso”: um local pequeno, mas que possibilitava ao grupo Manifesto ensaiar e apresentar suas peças. A construção durou dois meses e os jovens do grupo bancaram os marceneiros, eletricitas, técnicos de som, pintores e carregadores de objetos. O dinheiro para preparar a sala deveria sair da venda do livro “O teatro em Bagé”<sup>5</sup>, editado pelo próprio grupo, mas que, apesar do esforço, teve pouquíssimos exemplares vendidos. Confira, abaixo, foto da capa da publicação.

---

<sup>5</sup> Encontra-se, na Biblioteca Pública Municipal de Bagé, apenas um exemplar desta obra.

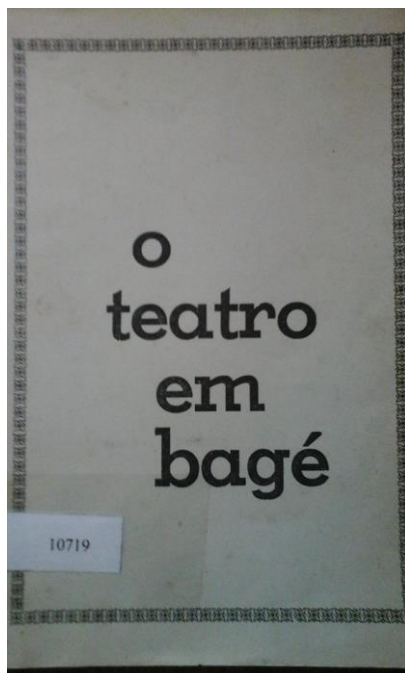


Foto 19: Capa da obra *O Teatro em Bagé*.  
Organização: Grupo de Teatro Manifesto  
Foto: Éderson Coitinho

O Jornal *Correio do Sul* também cedeu espaço para a divulgação da obra, em suas páginas, conforme observamos na figura abaixo:



Foto 20: Jornal *Correio do Sul* de 18 de junho de 1975, p.06

Para inaugurar o espaço e torná-lo conhecido à comunidade bajeense, iniciaram os preparativos para a segunda peça do grupo: “Quarto de Empregada”. A peça, também

de autoria de Roberto Freire, traz duas personagens: Rosa e Suely. Retrata a vida de duas empregadas domésticas que dividem o cubículo de uma casa onde trabalham e dormem. Rosa é negra e Suely é branca. O opressivo espaço do quarto é o cenário utilizado pelo autor para falar da luta de classes. Foi escrita em 1958 e teria sua estreia como prova final dos alunos da Escola de Arte Dramática de São Paulo quando foi proibida. Foi, entretanto, encenada clandestinamente por eles. No ano seguinte a peça foi liberada e teve sua estreia no Teatro de Arena de São Paulo. Em Bagé, ela foi encenada pelo grupo Manifesto em 1975. Faziam parte do elenco as universitárias Pilar Calvin e Magda Zilio, sob direção de Pedro Rubens Wayne. Teve sua pré-estreia destinada a autoridades, como o prefeito Camilo Moreira que, após a apresentação, parabenizou os jovens e os transmitiu palavras de incentivo.



Foto 21: Jornal *Correio do Sul* de 10 de agosto de 1975, p.03

A escolha pela homenagem a Túlio Lopes, conforme descrito na notícia acima, deu-se pelo reconhecimento ao bajeense que muito se voltou para o desenvolvimento da arte e do teatro.

A partir de então, com o sucesso da pré-estreia e os comentários positivos da comunidade acerca da produção, o grupo Manifesto retomou ainda, por algumas vezes, as apresentações no Teatro de Bolso.

Foto 22: Jornal *Correio do Sul* de 16 de agosto de 1975, p. 08Foto 23: Jornal *Correio do Sul* de 22 de agosto de 1975, p. 08

Ainda no ano de 1975, o Grupo Manifesto ensaia e apresenta sua terceira e derradeira peça: “Piquenique no Front”, do espanhol Fernando Arrabal. A peça foi escrita em 1952 e traz um piquenique que ocorre durante a guerra. Zapo está em sua trincheira, sozinho, costurando um suéter para passar o tempo quando chegam seus pais, Sr. e Sra. Tépan, trazendo toalhas e uma cesta para fazer um piquenique com seu filho em um domingo de guerra. Enquanto eles comem, aparece um inimigo chamado Zepo, que é feito prisioneiro e almoça com eles. A obra faz parte do estilo conhecido como teatro do absurdo, embora nenhum autor colocado dentro dessa nomenclatura jamais tenha se declarado “absurdista”. Em geral, tratam de temas como este: o inverossímil é tratado como verossímil e até com uma estranha naturalidade, a fim de expor o absurdo da situação real em si. A realidade, posta pelas lentes deste momento impossível, desmonta a seriedade e engendra um mundo de negatividade. O que é violento no real, no absurdo, se torna humor. O que é engraçado, muitas vezes, se torna uma ofensa. Abaixo, nota do jornal bajeense *Correio do Sul* sobre a interpretação do grupo Manifesto em Bagé, em 1975.



Foto 24: Jornal *Correio do Sul* de 21 de novembro de 1975

O Grupo de Teatro Manifesto não teve vida tão longa em Bagé. Talvez a sua extinção se deu porque novos atores e atrizes não tenham dado continuidade ao brilhante trabalho destes jovens dedicados que, muitas vezes, abdicaram de tempo e dinheiro para lutar para que Bagé tivesse um grupo de teatro e, sobretudo, um local adequado no qual pudessem exercer a prática da arte. Para Elvira Nascimento

o Teatro do Bolso não deu teatro só aqui mas longe daqui. E se rasga, sob a força de seus talentos humanos, desaguando no cinema. Pedro Rubens Wayne leva a esquina da Gal. Osorio para o mundo protagonizando “O Dia que Urano entrou em Escorpião” baseado em conto de Caio Abreu. Ainda “Eu sei que vou te amar”, de Jabor e “A Voz da Felicidade” de Nelson Nadotti. A criação com o corpo, o senso mágico da metamorfose contínua da passagem do trágico ao bufão, a crítica ardida, a magia do improvisado, a alquimia expressiva da alma, essa feitiçaria toda de gestos e emoções eles viveram plenamente, os que ficaram em Bagé no curto espaço dessa experiência determinante, e, muito através dos que daqui saíram. Foi um tempo ambíguo para a arte brasileira e a arte de Bagé. Sempre penso que há tempos malditos e tempos abençoados às vezes entrelaçados. O Teatro de Bolso foi um tempo abençoado da arte para Bagé. Escancarou de luz e voz a boca fechada dos anos 70. Pena que esses meninos tão talentosos, tão plenamente humanos, tão frágeis porque imensos na sensibilidade, se foram tão cedo. Pedro Afonso, João Afonso Taborde, José Tiaraju, depois, Otacílio ....

(Elvira de Macedo Nascimento)

Não há dúvidas de que o Grupo de Teatro Manifesto deixou uma herança fantástica para Bagé, mostrando, em tempos tão sombrios da ditadura militar e com dificuldades de incentivos financeiros e apoios oriundos de empresas e instituições, que era possível fazer teatro e que o público comparecia em grande número. A cultura é e sempre será uma das maiores aliadas de um povo, juntamente com a educação, para que se possa sair da mesmice e do senso comum, sendo assim protagonistas da vida e história. Passados mais de quarenta anos, muitos atores, diretores e produtores do grupo Manifesto já faleceram, quase em sua totalidade, deixando como herança, além das peças aqui apresentadas, uma mensagem subentendida de que não é necessário situar-se em grandes centros urbanos, com auxílios gigantescos e apoios requintados. Unindo a simplicidade, força de vontade e persistência, o Manifesto deixou suas raízes em Bagé, lutando contra aqueles que acreditavam que o teatro, por aqui, (relembrando Garcia Lorca), “se não estava morto, estava moribundo”.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*“Eu não disse que seria fácil e sim, que valeria a pena”*

Com essa frase do padre italiano João Bosco (1815-1888), fundador da Congregação dos Salesianos de Dom Bosco, iniciamos este capítulo final, com algumas considerações, questionamentos e incógnitas que surgem após o término deste trabalho. A frase de São João Bosco está em sintonia com o percurso desenvolvido ao longo dos últimos meses, na busca incessante e insistente através de registros que pudessem dar apoio e suporte a este tema. Foi uma caminhada árdua, com algumas dificuldades encontradas na trajetória, mas que, após este resultado pronto, fica o sentimento de que valeu a pena e, a partir de agora, serve de apoio e suporte a quem se interessar por esta temática, tão rica em detalhes na História de Bagé. Sendo assim, vejamos a seguir algumas considerações sobre as dificuldades encontradas pelo autor até chegar ao produto final

### **6.1 Antes da beleza das rosas: o contato com os espinhos**

Todo e qualquer jardineiro sabe que, no exercício da função, precisará cumprir inúmeras etapas com cuidado, zelo e dedicação até chegar ao resultado final: uma flor

ou fruto exuberante. Para isso, é preciso plantar, adubar, molhar e cuidar das intempéries.

A trajetória deste trabalho pode ser comparada com as etapas anteriormente descritas. O cuidado, através de pesquisas, entrevistas, conversas, orientações e pesquisas aos arquivos do jornal *Correio do Sul* fez com que o resultado acontecesse. Por se tratar de ditadura, utilizando como fonte de pesquisa um jornal conservador e apoiador do regime, já imaginávamos a dificuldade em encontrar termos como “censura” e “repressão”, relacionados a Bagé e, realmente, nada é noticiado em relação à região, conforme já salientamos nos capítulos acima. Outro fator complicador foi o horário disponibilizado às pesquisas pelo Arquivo Público Municipal de Bagé, atendendo ao público somente das 8h às 14h, impossibilitando, assim, uma pesquisa mais qualificada e elaborada por quem tem alguma atividade na parte da manhã. Além disso, entre os meses de setembro e outubro, o Arquivo foi transferido de sede pela administração municipal, para um espaço mais amplo e adequado. Porém, durante o período, as pesquisas foram interrompidas para que a (extensa) mudança fosse concluída. Não há do que reclamar do atendimento dispensado pelas funcionárias do local, tão dispostas no auxílio e orientação. A partir das notícias encontradas nas pesquisas ao acervo, fomos entrevistar algumas personalidades que, ao nosso ver, poderiam contribuir e auxiliar na efetivação deste trabalho. Muitos contatos, combinações, encontros e desencontros, com algumas entrevistas marcadas e concretizadas e outras, apenas sonhadas pelo autor. Não é fácil tecer um trabalho deste porte a “várias mãos”, pois depende-se da boa vontade do interlocutor, mas temos certeza que a beleza de um projeto se dá quando ele é sonhado e construído em conjunto. Até então, pouco material escrito é encontrado em nossas bibliotecas e arquivos públicos sobre a temática, o que fomentou a coragem e vontade do autor em aventurar-se por este caminho. Os “espinhos” aparecem, podem machucar, atrapalhar, mas, se continuarmos persistentes, alcançamos os resultados esperados.

Mas não só de dificuldades queremos tratar neste espaço: também, aqui, algumas alegrias que valem a pena ser partilhadas. Podemos perceber que a “chama” do teatro em Bagé nunca se apagou e continua, nos dias de hoje, viva e extremamente ativa na Rainha da Fronteira. Bagé possui hoje inúmeros grupos de teatro, que lutam com todas as forças, para que a arte seja difundida e alcance maiores proporções e pessoas. Tentamos contato com diretores de inúmeros grupos e companhias que fazem teatro em

Bagé hoje: obtivemos o retorno de apenas um, o Grupo de Teatro Os Carlitos, o qual queremos, brevemente, apresentar.

## **6.2 Do Manifesto aos Carlitos: o teatro em Bagé após mais de quarenta anos<sup>6</sup>**

O Grupo de Teatro Os Carlitos teve sua fundação em 07 de fevereiro de 2014 (embora o grupo já existisse sem essa nomenclatura meses antes), e faz alusão ao personagem icônico de Charles Chaplin, exímio talento da arte da pantomima e das expressões. Os objetivos são: fomentar as artes cênicas na cidade, possibilitar a experiência teatral para atores e atrizes do grupo, lutar por um espaço apropriado para que a arte seja apresentada, difundir a cultura, trazer grandes textos de renomados autores nacionais e internacionais, entre outros. O grupo tem em seu elenco cerca de trinta atores e atrizes, que variavelmente participam de um ou outro espetáculo e ainda compõem parte da produção (assistência de direção, contrarregra, maquiagem, cabelos, sonoplastia, arte, divulgação, etc).

O elenco destas montagens é oriundo de oficinas de preparação e interpretação. A “Oficina Tempos Modernos” é oferecida ocasionalmente para atores/atrizes, com ou sem experiência, acima de 16 anos, onde trabalha-se construção de personagem, criação cênica, desinibição, postura e técnicas de improviso e os medos e as inseguranças de forma a controlá-los, incentivando a produção de ideias e pensamentos, aumentando o convívio humano (pois o ator é um ser sensível e calorosamente fraterno), além do fortalecimento das artes cênicas na cidade com a formação de novos atores e apresentação de esquetes de teatro. A oficina também oportuniza e facilita conhecer a dinâmica de direção e montagem do grupo. Os encontros ocorrem semanalmente para ensaios de seus trabalhos e para reuniões de elenco.

Em sua trajetória, o grupo já participou da montagem, roteirização, direção e encenação de alguns textos reconhecidos como “O Casamento do Pequeno Burguês” de Bertolt Brecht, em 2013, “O Noviço”, de Martins Pena, em 2014 e 2016, “Eu Chovo, Tu Chove, Ele Chove” (direção de elenco) de Sylvia Orthof, em 2014, “Lisístrata - A Greve do Sexo”, de Aristófanes, em 2015 e o espetáculo “Carlitos em Pessoa” uma ode à vida e obra do poeta Fernando Pessoa, em 2016.

---

<sup>6</sup> Texto construído em parceria com o diretor do Grupo de Teatro Os Carlitos, Michel Godinho.



A escolha dos textos se dá por afinidade ao roteiro (o grupo tem uma dinâmica que exige textos direcionados ao elenco), qualidade do texto, que tenha um caráter clássico e fundamentalizado na linha histórica das artes cênicas, necessidade em conter um conteúdo com uma visão social independente de qualquer causa e também visando uma aceitação de qualquer tipo de público. Hoje o Teatro sobrevive em Bagé. Os Carlitos também se sustenta graças a pessoas, entidades e pequenas empresas que apoiam de alguma forma ou outra (local para ensaio, apresentação, arte gráfica) e recebe o patrocínio de apenas uma empresa que acredita na necessidade de apoiar a arte.

Segundo o diretor do grupo, Michel Godinho, “mesmo com todas as dificuldades e pedras no caminho, Os Carlitos, amparado pelo esforçado e talentoso elenco, por pessoas que nos prestigiam e nos apoiam, jamais perecerá, pois não há preço maior para um ator do que o caloroso aplauso de uma plateia ao final de um suado espetáculo”.

### **6.3 O sonho e a utopia: a insistente luta por um Teatro Municipal**

No capítulo quarto deste trabalho, tratamos sobre o Teatro de Bolso: um local pequeno, mas acolhedor e que possibilitava a prática do teatro ao grupo existente naquela época. Porém, não temos em Bagé um Teatro Municipal, esse espaço democrático da arte e da cultura. Segundo o ator e diretor Sapiran Brito

É um absurdo que Bagé, com a tradição de teatro que tem - tivemos o Teatro 28 de setembro, que pegou fogo e em 2017 faz 100 anos do seu incêndio - não consigamos uma casa. É fundamental: para que o teatro se desenvolva tem que ter uma sede, uma casa. Sempre dou o exemplo: o militar, primeira coisa que faz é o quartel; o maçom, a loja, a sede; a igreja, a capela. O teatro também precisa disso aí. Não é só uma casa de espetáculo teatral que serve pra dança, música, conferências, palestras. É uma casa de pensamento, uma casa acolhedora. Teatro tem que ter atividades múltiplas e tem que ter uma sede fixa. Precisa um ponto de encontro, onde troquem ideias e onde possa se gerar uma produção teatral de qualidade.  
(Sapiran Brito)

Sapiran tem uma trajetória de mais de quarenta anos no teatro e, entre idas e vindas a Bagé, foi sempre um dos maiores motivadores para que o teatro fosse construído. Salienta que, nas vezes em que esteve compondo o governo municipal, seja como vice-prefeito ou secretário de cultura, Bagé esteve perto de concretizar esse

sonho, mas faltou, ainda, vontade política. Para ele, não é difícil construir um teatro municipal, tendo em vista as possíveis parcerias que hoje podem ser feitas, como o BNDES e a Petrobras, por exemplo.

Já para o diretor do Grupo de Teatro Os Carlitos, Michel Godinho, um teatro municipal possibilitaria uma maior facilidade na construção, ensaios e apresentações teatrais.

Segue o sonho, segue a utopia, segue a luta e o teatro vivo e fazendo História em Bagé. Muito nos orgulha e anima a concretização deste trabalho e que, a partir dos resultados aqui mencionados, possamos lutar para que a cultura seja cultivada e valorizada, através do seu tempo e lugar. Encerramos com o pensamento do ator e compositor Fernando Anitelli: “Metade de mim agora é assim: de um lado a poesia, o verbo, a saudade. Do outro a luta, a força e a coragem para chegar no fim. E o fim é belo incerto. Depende de como você vê”.

## REFERÊNCIAS

### Referências teóricas

ABREU, Luciano Aronne; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

ARAÚJO, Maria Paula; SILVA, Isabel Pimentel; SANTOS, Desirree dos Reis (Org.). *Ditadura militar e democracia no Brasil: História, Imagem e Testemunho*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.

AVANCINI, Maria Marta. *Na gênese do golpe*. *Jornal da Unicamp*. Campinas/SP: p. 05. 22/07/2014.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. São Paulo: Ciência e Cultura. 1972.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Memória, história, testemunho*, in: *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*, BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. (Org.). São Paulo: Ed. Unicamp, 2001.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GOVERNO FEDERAL. *A verdade da repressão. A memória da resistência*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2011.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do Teatro Brasileiro*. 4ª ed. São Paulo: Global, 1999.

REIS, Nicole Isabel dos. *Deu pra Ti anos 1970 - Rede Social e Movimento Cultural em Porto Alegre sob uma Perspectiva de Memória e Geração*. Porto Alegre: Iluminuras. UFRGS, 2007.

RESOLUÇÃO CNS Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016. Comitê de Ética em Pesquisa da Unipampa. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2001.

SILVA, Juremir Machado da. *A Miséria do Cotidiano*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1991.

VALLE, Maria Ribeiro do (Org.). 1964-2014: *Golpe Militar: História, Memória e Direitos Humanos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

### **Referências literárias**

BOAL, Augusto. *Murro em ponta de faca*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

FERNANDES, Millôr. RANGEL, Flávio. *Liberdade, liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

PENA, Martins. *O Noviço*. São Paulo: Melhoramentos, 1997

SOUZA, Naum Alves de. *A aurora da minha vida*. 5ªed. São Paulo: Salamandra, 2003

VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Rasga coração*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1980.

### **Referências digitais**

Biografia de Chico Buarque de Hollanda: Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/>. Acesso em junho/2016.

Biografia de Procópio Ferreira: Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8154/procopio-ferreira>. Acesso em novembro/2016

CRUZ, Joana. *O que é o Teatro do Oprimido?* Disponível em: <https://oprime.wordpress.com/o-que-e-o-oprime/about/>. Acesso em maio/2016.

CULTURA NA DITADURA: Disponível em:  
<https://ditaduraportalprofessor.wordpress.com/cultura-na-ditadura/>. Acesso em  
junho/2016

ENTREVISTA COM O CORONEL USTRA:  
Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/pagina/coronel-ustra.html>. Acesso setembro/2016

HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_do\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul#Crescimento\\_e\\_novos\\_conflitos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_Rio_Grande_do_Sul#Crescimento_e_novos_conflitos). Acesso em junho/2016.

MESTRE ZIMBA: Um mago do teatro: A história de Ziembinski, o polonês que queria ser médico e se destacou nos palcos brasileiros. Disponível em  
[http://www.sescsp.org.br/online/artigo/4297\\_MESTRE+ZIMBA+UM+MAGO+DO+TEATRO#/tagcloud=lista](http://www.sescsp.org.br/online/artigo/4297_MESTRE+ZIMBA+UM+MAGO+DO+TEATRO#/tagcloud=lista) Acesso em outubro/2016

MOVIMENTOS CULTURAIS: Disponível em:  
<http://educacao.globo.com/historia/assunto/ditadura-militar/manifestacoes-culturais.html>. Acesso em junho/ 2016

SOBRINHO, Wanderley Preite. Brasil 1968: "Mataram um estudante. Podia ser seu filho". Disponível em: <http://www.esquerda.net/dossier/brasil-1968-mataram-um-estudante-podia-ser-seu-filho>. Acesso em outubro/2016

## ANEXOS



## OS MOVIMENTOS LITERÁRIO-TEATRAIS EM BAGÉ/RS NA DÉCADA DE 1970: A LUTA CONTRA A CENSURA E A REPRESSÃO

### Roteiro de Entrevista

Entrevista com o Ir. Pedro de Melo, 67 anos, religioso da Congregação dos Salesianos de Dom Bosco. Além da vocação religiosa, é educador e foi, por vários anos, diretor de teatro nos colégios e obras sociais em que trabalhou. Atualmente reside na Casa Inspetorial da Congregação Salesiana, em Porto Alegre/RS.

#### **1. Quais suas atividades em Bagé na década de 1970? Quantos anos permaneceu por aqui?**

Eu cheguei em Bagé no ano de 1969 e passei a residir no ISPEA (Instituto São Pedro de Educação e Assistência) no qual permaneci até janeiro de 1971. Nestes três anos eu estudava à noite. Durante o dia, na período da manhã era porteiro, à tarde fazia cursos nas oficinas e nos fins de semana dirigia o Centro Juvenil (ORATÓRIO).

#### **2. O senhor assessorava grupo de teatro no antigo ISPEA. Fale um pouco sobre as atividades desse grupo.**

A pedido do Diretor do ISPEA na época (padre Honorino João Muraro) criamos um grupo de teatro. Faziam parte do grupo crianças, adolescentes, jovens, adultos e pessoas do bairro, inclusive pais de alunos.

Como havia muitos adolescentes e crianças, o Grupo passou a se chamar “TIO PATINHAS” (escolhido pelos participantes). Fazíamos apresentações no ISPEA, em algumas escolas do bairro, nos salões paroquiais. O grupo não era conhecido na cidade. O diretor não permitia muita exposição fora da Instituição, só com sua autorização. Apresentamos várias peças: Drama A CARTEIRA FATAL (A peça falava de uma família cujo pai foi preso inocentemente por causa de uma carteira que ele achou cheia de dinheiro, a qual estava ensanguentada, resultado de um assassinato por roubo. O cara que matou, na fuga, perdeu a carteira. Mais ou menos isso. É um drama muito lindo, emocionante. Nós conseguimos fazer a plateia se emocionar). Outras encenações: A RESSURREIÇÃO, O NATAL DE JESUS, algumas peças cívicas, como: INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, ENCENAÇÃO DA GUERRA DOS FARRAPOS, A BANDEIRA, SOLDADINHOS DA PÁTRIA (Infantil). Ainda: O LOBO MAU (Comédia infantil), OS DOIS VIZINHOS (Comédia). INAUGURAÇÃO DE UM CEMITÉRIO (Comédia), A CASA ASSOMBRADA (Comédia), OS TRÊS VALENTÕES (Comédia) e várias encenações bíblicas.

**3. Com que frequência o grupo se reunia? Quais os pré-requisitos para participar?**

As crianças tinham que ter notas boas e licença dos pais. O mesmo para os adolescentes. Os adultos deveriam ser alunos (Curso Noturno) ou amigos da Instituição. O grupo se reunia três vezes na semana à noite para os ensaios. Durava mais tempo nos fins de semana.

**4. Quais as suas influências na elaboração de oficinas e textos?**

Bem, se entendi bem a pergunta, eu fiz as cópias, preparei os personagens, isto é, escolhi a dedo os atores. Antes de entregar o texto para cada um estudar e decorar, fiz um teste com cada um. Uma vez com o texto na mão, fazíamos a leitura com todos, cada um depois, fazia um comentário do que foi lido.

**5. Historicamente, sabemos que a censura e repressão eram muito forte e presente nessa época. Bagé, por ser uma cidade com vários quartéis, era exemplo disso. O senhor lembra de algum fato ou situação em que a censura agiu contra o seu grupo de teatro? O senhor foi alvo de alguma perseguição e/ou retaliação por causa disto, ou sabe de alguém? Por favor, não cite nomes, apenas relate caso algo tenha ocorrido (pois esse é o maior “tesouro” desse trabalho de conclusão de curso).**

Sim. Na Semana Santa, estávamos ensaiando e preparando uma peça, montagem de um texto (não lembro o autor) muito crítico, que fazia um apanhado do sofrimento de Jesus Cristo e o sofrimento do povo. Foi multiplicado o texto pro grupo decorar e ensaiar. Estávamos todos reunidos ensaiando, apareceram umas pessoas que ficaram assistindo o ensaio. Depois que todos saíram para suas casas, essas pessoas que estavam assistindo, me fizeram umas perguntas: Quem eu era, o que eu fazia, quem montou a peça...Depois pediram pra falar com o diretor do ISPEA. Assim que foram embora, o diretor me chamou e me proibiu de levar em cena, apresentar. No momento eu não obedeci, continuei ensaiando. Alguém me entregou, fui chamado pelo diretor. No dia seguinte, aquelas pessoas viram ter comigo e recolheram todos os textos. O que eles fizeram com os textos, não sei. No final do ano, fui transferido de Bagé. Isso aconteceu no final de 1970.

**6. O senhor acha que sua transferência se deu, também, por este fato? Quando saiu de Bagé, para que cidade o senhor foi?**

Não sei. Antes disso, eu fui convidado pelo diretor pra me retirar do ISPEA. Aqui tem duas questões: Como eu cuidava da portaria e eu era um adolescente (e seminarista), algumas meninas mandavam muitas cartinhas, que foram parar na mão do diretor. Esse acontecimento foi bem nessa época da Encenação. Eu não sei se foi por causa das cartinhas ou se foi por causa da peça. Fui transferido para Viamão, ajudar no internato.



## **OS MOVIMENTOS LITERÁRIO-TEATRAIS EM BAGÉ/RS NA DÉCADA DE 1970: A LUTA CONTRA A CENSURA E A REPRESSÃO**

### **Roteiro de Entrevista**

Entrevista com o padre João Pedro da Silva Peres, 79 anos, pertencente à Congregação dos Salesianos de Dom Bosco. Atualmente é vigário paroquial da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, de Bagé/RS.

#### **1. Quais foram suas atividades em Bagé na década de 1970? Quantos anos permaneceu por aqui?**

Nesse tempo de serviços prestados na Diocese de Bagé, nesta cidade de Bagé eu recebi a incumbência por parte da Inspetoria Salesiana São Pio X e da Diocese de Bagé de orientar e/ou organizar como Pároco a Paróquia de São Pedro, que está situada à Av. Santa Tecla, nesta cidade.

Na época tanto a Paróquia de São Pedro quanto o Colégio São Pedro, que também se situa à Av. Santa Tecla, estavam sob a orientação religioso-pedagógica dos Padres e irmãos Salesianos de Dom Bosco. Era Bispo titular de Bagé, naquela época, Sua Excelência Reverendíssima o Sr. Dom Ângelo Mugnol, de saudosa memória.

Estive nesta presença salesiana duas vezes. Na primeira vez, permaneci um ano. Foi no ano de 1977; no ano seguinte, ano de 1978 fui convidado pela Inspetoria Salesiana de São Pio X a prestar um serviço de Assessoria áudio-visual no Centro Gaúcho de Áudio Visuais (CGA) em Porto Alegre. Na segunda vez permaneci por três anos; foi no período de 1979 a 1981.

#### **2. O senhor assessorava um grupo de jovens da Paróquia São Pedro no período em que foi pároco. Conte-nos, por favor, um pouco sobre o grupo. Por exemplo, qual o nome do grupo, quantos anos o senhor participou, quantos jovens se reuniam, quais os locais e horários de encontros, o que estudavam/conversavam/rezavam...**

Pois então: no segundo momento de minha estadia na orientação da Paróquia de São Pedro, pude exercer vários serviços à frente da Paróquia e em unidade com a nossa Diocese. Um trabalho que, juntamente com Irmã Alice Tonello, Irmã Carlita, realizávamos, na Diocese, foi o atendimento ao grupo intitulado de: 'Pastoral dos Deficientes Físicos'. Um trabalho muito significativo que acontecia no Setor da Assistência Social Diocesana, de Bagé.

Por vezes reuníamos mais de 20 ou 30 pessoas rejeitadas pela sociedade, e às vezes, num primeiro momento até por familiares. Crianças, adolescentes ou adultos com deficiências as mais diversificadas participavam com muita alegria e entusiasmo sentindo-se valorizados como pessoas.

...



E também, assim como os demais trabalhos exercidos na paróquia, pude organizar e trabalhar com um belo e animado grupo de jovens. Era o 'Grupo de Jovens' da Paróquia São Pedro. A partir do segundo semestre de 1980.

Eram jovens principalmente da nossa Comunidade Paroquial. Havia também alguns jovens de outras comunidades/paróquias da cidade, que sendo colegas de aula dos jovens da Comunidade de São Pedro, perguntavam sobre a possibilidade de uma participação nesse grupo e vinham participar.

Normalmente nos reuníamos às quartas-feiras após as aulas. Embora a nossa reunião acontecesse sempre em horário avançado dificilmente os jovens faltavam a esse momento de encontro e reflexão. Por vezes esse número variava para mais ou para menos. Na verdade não recorro os nomes desses jovens, tanto moços quanto moças.

Eram jovens trabalhadores e/ou estudantes entre seus 18 e 25 anos que, saindo de seus Colégios, frequentados à noite, ou mesmo da Faculdade chegavam à nossa Casa Paroquial, e ficávamos em 'Reunião de Grupo' muitas vezes até à uma hora ou uma hora e trinta minutos da manhã.

Tínhamos, após um momento de oração-interiorização a partir da Palavra de Deus, um belo aprofundamento ou estudo referente a temas ou fatos acontecidos naqueles dias e/ou naquele momento 'cidadão-político-religioso' que se vivia; também, por vezes, cantávamos e/ou ensaiávamos cantos diversificados.

Éramos um grupo significativo de mais ou menos 15 a 20/25 jovens; moços e moças. Sempre, após a reunião, os moços se comprometiam a acompanhar as moças até suas casas antes de se dirigirem para a própria casa. Sempre houve muita seriedade. Os jovens assumiam essa parte também para evitar que o padre saísse à noite acompanhando as jovens e fosse mal interpretado. Esta rotina aconteceu por tempo significativo.

**3. Historicamente, sabemos que a censura e repressão eram muito fortes e presente nessa época. Bagé, por ser uma cidade com vários quarteis, era exemplo disso. O senhor lembra de algum fato ou situação em que a censura agiu contra o seu grupo de jovens? O senhor foi alvo de alguma perseguição e/ou retaliação por causa disto, ou sabe de alguém? Por favor, não cite nomes, apenas relate caso algo tenha ocorrido (pois esse é o maior "tesouro" deste trabalho de conclusão de curso).**

Bagé é uma cidade de fronteira e por isso também convidada a ser uma das guardiãs de nossa territorialidade. Por isso de certo modo justifica-se, um pouco, a grande presença militar em seu espaço de cidade.

Estávamos no momento político brasileiro quando os militares ocupavam o poder político. Nessa época a juventude, em todo o País, estava muito atenta e ligada. Era muito forte a idéia e o sentimento de não se aceitar um posicionamento militar comentado e tido como ditatorial.

Também em vista disso existiam pessoas que se prestavam a assumir atitudes de 'vigias-informativas' participando disfarçadamente mesmo em momentos mais significativos das manifestações de fé, como as celebrações das missas ou em reuniões diversificadas promovidas pela Igreja Católica.

Como não era esse o nosso intuito, como Igreja, na maioria das vezes não sabíamos e nem tínhamos muito como saber quem pudesse, propositalmente, se fazer presente a reuniões e ou planejamentos paroquiais, com intenções diferentes.

Houve, em determinado momento, (para bem da verdade não fiquei sabendo concretamente de quem partira), denúncia caluniosa e extremamente maldosa contra o 'P. Peteleco', para alguma das famílias das jovens que participavam no grupo de jovens. Sempre aparecem pessoas que com requinte de maldade e diabólicas intenções procuram interferir, desfocalizar, distorcer e até destruir determinada ação positiva e participativo-educadora que esteja acontecendo ao seu redor. O demônio sempre age de modo sorrateiro.

Foi assim que algum pai de família, por si muito responsável, zeloso e digno, em consequência daquela 'maldosa-falsa denúncia', proibiu sua filha de continuar participando do 'grupo de jovens' que se reunia após as aulas às quartas-feiras. Houve famílias que reagiram diferentemente não aceitando o acontecido.

Como consequência do acontecido com que nos estávamos deparando preferimos, em conversa com alguns dos jovens participantes do grupo e também algum dos pais de família, parar com as nossas reuniões. A pessoa do grupo que tinha ficado diretamente encarregado de maior averiguação, sobre provável infiltrado do grupo que originou o fato, não me deu retorno. Preferi não forçar. Que pena. Paciência!

Deus sabe da real dignidade com que sempre tratei a todos os jovens, indistintamente. Mesmo o(s) possível(is) infiltrados. Tenho saudades!

#### **4. Qual o posicionamento e orientação da Igreja Católica, especialmente a Diocese de Bagé, sobre a ditadura militar? Algo era comentado em encontros do clero? O clero se posicionava política e/ou ideologicamente?**

Peço perdão! A Igreja Católica sempre se posiciona a partir da Palavra de Deus. Penso, contudo, que quem deva dar qualquer parecer sobre essa época em nome da Igreja Católica e da Diocese seja o Bispo da Diocese.

É claro que tendo vivido esse momento forte da caminhada da Igreja, também em Bagé, também porque a Igreja somos nós, os batizados, tenho minha opinião. Mas, não tenho autorização para expressar o pensamento da Diocese. Peço, pois, perdão por não entrar em detalhes no assunto.



## **OS MOVIMENTOS LITERÁRIO-TEATRAIS EM BAGÉ/RS NA DÉCADA DE 1970: A LUTA CONTRA A CENSURA E A REPRESSÃO**

Entrevista com Elvira de Macedo Nascimento, a 4ª Elvira de uma família de Elviras. Foi casada com João Nascimento (falecido) tem uma filha (Elvira) e dois netos. Filha dos bageenses Olavo de Almeida Macedo e Elvira Mercio Saraiva de Macedo. É também chamada por “Mércia”. Educadora aposentada, atuou na área das Ciências Humanas. Lecionou Psicologia nos cursos de Letras, Artes, Ciências Sociais e Ciências Biológicas no III grau da URCAMP e foi Orientadora Educacional no II grau de três escolas estaduais da cidade e, posteriormente, no FUNBÃO, escola de II grau das Faculdades Unidas de Bagé. Formada em Filosofia com especialização em Crítica de Arte Contemporânea e Administração de Empresas. Ambientalista. Fundou, com colegas, o Grupo Ecoarte (proposta de uma Ecologia Ampla) que coordenou durante 25 anos e o integra ainda, como também, a Oficina do Grupo Cultura Sul, de quem foi também uma das fundadoras.

### **1. Quais atividades a senhora desempenhava em Bagé na década de 1970?**

De 67 até a década de 70, desenvolvi a função de Orientadora Educacional, atividade desafiante que levava a impregnar e hidratar a escola com valores humanísticos. Trabalhei com as salas de aula como microuniversos onde procurava definir as potencialidades dos alunos e desenvolvê-las no plano pessoal e social e envolver os educadores nesses objetivos. Trabalhar uma identidade recriada permanentemente, a responsabilidade, a participação, o senso crítico e criador me fazia valer de uma ação, por vezes difícil, dentro de um contexto em que o regime vigente enfatizava o comportamento reprodutivo, dócil e manipulável. Tempos opressivos da Ditadura brasileira com baixíssimo nível de padrão civilizatório. Também estava engajada em movimentos de espiritualização da Igreja Católica, de vertente progressista e, junto com o então padre Carlos Moraes e outras educadoras, trabalhava na área de Opinião Pública com uma publicação mensal.

### **2. A senhora teve grande envolvimento e participação na fundação do Grupo de Teatro Manifesto, na década de 70, em Bagé. Conte-nos um pouquinho sobre essa iniciativa, desde a utopia da criação até a sua efetivação, sobretudo, da parceria com Tarcísio Tabora.**

José Tiaraju, Pedro Wayne, Luis Francisco Acosta, Ariosto Teixeira, João Afonso Tabora, Walderez Nogueira, Otacilio Garcia, Miguel Acosta e Maria de Lourdes Oliveira constituíram o Grupo MANIFESTO de teatro. Lembro que foi no salão da São José que apresentaram a primeira peça TRATIVELINDEPRAGLUTIFITOTINQUELUX, de R. Freire, com direção de Ariosto Teixeira. Combinamos que seria interessante a vinda de Carlos Magno para orientar e

energizar criadoramente o Grupo e, a convite do Tarcísio, ele veio a Bagé. Esse fato possibilitou ao Manifesto se apresentar na Aldeia Arcozelo do Rio de Janeiro, no sétimo festival de Teatro de Estudantes. Posteriormente, para alimento artístico do Grupo, houveram interessantes intercâmbios teatrais como com o Teatro Novo e o Teatro de Arena de Porto Alegre e o Teatro Universitário de Santa Maria. Os atores tiveram acesso às peças “Transe”, “Flor da Pele”, “Aventuras de um Diabo Malandro”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Damas de Copas”, “Rei de Cuba” e “A bruxinha que era boa”. Foi um tempo forte para o teatro e o Grupo Manifesto acabou de fazer dessa esquina de Bagé uma encruzilhada cultural de reflexões, aberta aos ventos humanísticos, num tempo de asfixia cultural, selado pela ditadura militar onde apenas a “fresta” da arte drenava o calor vigoroso da sensibilidade e das inquietação das mil contradições brasileiras. Peças como “Piquenique no Front”, de Fernando Arrabal, direção de Wilde Quintana, trabalhando o absurdo condição humana e “Quarto de Empregada” de Roberto Freire, com a temática das relações sociais injustas, frisavam um teatro de viés dialético, conteúdo crítico e denunciador de uma geração sufocada e extremamente sensível. Nesse momento foi publicado na revista da PUC, de Porto Alegre, um estudo crítico meu sobre “Quarto de Empregada”. O Manifesto chegava ao cenário do estado. Tarcísio e eu acompanhávamos sua evolução. Esgotado o projeto alguns atores saíram de Bagé e possibilitando semear a arte estadual, e, posteriormente, a nacional. Pillar Nunes (que veio para o Grupo numa segunda fase), João Afonso Taborda e Pedro Wayne começaram a se destacar no teatro Infantil de Porto Alegre. Encenaram também “Pega pra Caput”, de Luis Fernando Verissimo, J. Guimarães e Moacyr Scliar. Pedro se projeta e recebe o troféu Açoreano. Ainda atua na “Praça de Retalhos” e “Flics” de Ziraldo. Amplia sua trajetória nas peças “Reis Vagabundos”, “Lenda da cabra grande”, “O Globinho”, “Crônica de uma cidade pequena”, (melhor espetáculo gaúcho de 1985), “Império da cobiça”, “Vem comigo que no caminho te explico”, (baseada no livro de seu pai, Ernesto Wayne).

**3. Historicamente, sabemos que a censura e repressão eram muito fortes e presentes nessa época. Bagé, por ser região de fronteira e uma cidade com vários bairros, era exemplo disso. A senhora lembra de algum fato ou situação pontual em que a censura agiu? A senhora foi alvo de alguma perseguição e/ou retaliação por causa disto, ou sabe de alguém? Por favor, não cite nomes, apenas relate caso algo tenha ocorrido (pois esse é o maior “tesouro” desse trabalho de conclusão de curso).**

Minha postura fortemente democrática e humanística me levou a ser vigiada e a ser responsabilizada por fatos que não tivera ingerência, como o debate sobre a Realidade Brasileira, realizado pelos alunos da Escola Carlos Kluwe em que eu era orientadora educacional. O fato me levou a ser inquirida no Quartel General da cidade por um capitão (não lembro o nome). A sala era pequena. Muitas perguntas foram feitas, inclusive sobre leituras de orientação comunista. Obras que eu não lera. Concluída a interrogação me mandou passar para um salão onde lançou a pergunta final. Seria a decisiva em comprometimento. Neste exato momento, um pedaço do teto do Quartel General caiu ao chão e ele, rapidamente, chamou o ordenança e me liberou com a mais ágil despedida de minha história: “passe bem, professora!” Até hoje pesa sobre mim a grande dúvida : seria um acidente meramente circunstancial ou uma força espiritual que tomara providências? Muito insólito.

Tive, por alguns meses, meu contrato de trabalho com o Estado sustado e fui ressarcida financeiramente, após entrar com processo auxiliada pelo hoje desembargador José Carlos Giorgis, colega dos tempos do Curso de Filosofia. Com o dinheiro devolvido comprei meu primeiro carro, um fusca. De alma extremamente democrática e movido a coerência.

**4. Na época em que a senhora foi orientadora educacional no Colégio Carlos Kluwe, havia alguma orientação e/ou imposição de autoridades militares perante o currículo da escola? O corpo docente conversava a respeito da situação política do país entre si? E em sala de aula, algum comentário?**

Eram tempos de silêncio. Não se falava declaradamente em liberdade e autonomia, a reflexão fora sumariamente suspensa e o pensamento crítico refém do medo. O professor tinha liberdade em sua aula mas ele mesmo estava autocensurado. Havia um clima de conspiração velado e os intendentes e líderes designados pelo Governo vigiavam rigorosamente a ordem, transferiam professores incômodos das escolas e executavam advertências. Em Bagé, cidade pequena e zona de segurança nacional, com quatro quartéis, o controle era rigoroso e os pequenos homens se tornaram grandes nessa função.

O Colégio Estadual Carlos Kluwe, desde sua origem, detinha a massa crítica da intelectualidade da cidade. Alguns de seus professores foram presos quando foi deflagrada a ditadura. Eu, nesta época, morava em Porto Alegre. Assisti, indignada, nos anos 70, a prisão de Carlos Moraes, nosso companheiro de muitos sonhos (os mais solidários e justos). Sua condenação à prisão foi uma das injustiças mais clamorosas e expôs, no vazio de seu conteúdo, a “desrazão” dos tribunais militares.

**5. A ditadura foi um momento em que os movimentos artísticos-literários tiveram que se “reinventar”. Temos o surgimento de vários nomes da música e teatro, por exemplo, que surgiram nessa época, lutando para que todos tivessem voz e vez, contudo, com o cuidado nas palavras e no trato. Aqui em Bagé, na década de 70, que pessoa(s) a senhora encaixaria nesse perfil?**

Nos anos 70, a arte brasileira nunca foi tão criativa e interessante. Tempo do Pasquim, da música e do teatro da contestação. Nunca as metáforas foram tão úteis, nunca foram tão servas da utopia, nunca fomos tão alfabetizados em leituras de subtextos. Havia uma gramática, uma sintaxe do imaginário que acusava, gemia e projetava outros mundos que não aqueles onde a mordaza usurpava a vida. Ali a liberdade se exercia no voo de si mesma numa aventura quase juvenil mas sofrida.

Em Bagé, o que tenho a registrar, foi a presença talentosa de Ernesto Wayne (que fora preso e libertado) mestre em Língua Portuguesa e professor na FUNBA. Criou, com a Faculdade de Belas Artes, dirigida por Marly Meira, o projeto “Álbuns Ilustrados”, em que poesias eram relidas plasticamente pelos artistas. Essas poesias expressavam, muitas delas, as angústias da época sendo um provocante vazadouro de angustias e contradições dos anos 70. Alguma que outra publicação alternativa atravessava o silêncio dos muros invisíveis da cidade. Era o tempo dos desertos exteriores e das profusas nascentes da alma. A dor tem seu alto poder criativo a disposição da sobrevivência da alma.

## 6. Conte-nos sobre o Teatro de Bolso...

Para mim e, acho que, para Bagé, o Teatro de Bolso foi uma experiência humana inesquecível. Um pouco revolucionária. Nasceu nos braços meus e de Tarcísio Taborda, numa ampla sala da Reitoria da Fundação Atila Taborda de Bagé. Foi um desdobramento luminoso a partir de um evento simples e belo. A história começou quando a pedido do Tarcísio, então reitor, fui chamada a ministrar um Curso de Relações Humanas para os funcionários da Instituição. Eu atuava como professora de Psicologia na FUNBA. Os integrantes do curso seriam os fundadores do Grupo Manifesto. O fato desencadeador foi a culminância do Curso que ministrei a esses alunos-funcionários. Eles apresentaram, como culminância do trabalho, uma dramatização em cima de um poema do Drummond de uma forma tão original e vigorosa que, Tarcísio e eu, flagramos que ali residia um embrião de teatro, um potencial artístico a ser explorado. Tarcísio fora artista e estava preparado para diagnósticos certos. Fizemos várias reuniões e o Grupo começou a se construir experimentalmente, cavando espaços para ensaios, direções e aperfeiçoamentos. Sempre lembrando Max Reinhart que “o teatro é o melhor refúgio para aqueles que guardam a infância no bolso e fogem com esse tesouro escondido para continuar brincando até o fim de suas vidas”. Pois esses meninos puseram a sua infância no bolso de uma esquina de Bagé, ali na esquina da Melanie Granier e Gal. Osório.

O Teatro do Bolso não deu teatro só aqui mas longe daqui. E se rasga, sob a força de seus talentos humanos, desaguando no cinema. Pedro Rubens Wayne leva a esquina da Gal. Osorio para o mundo protagonizando “O Dia que Urano entrou em Escorpião” (83) baseado em conto de Caio Abreu. Ainda “Eu sei que vou te amar, de Jabor e “A Voz da Felicidade“ de Nelson Nadotti.

A criação com o corpo, o senso mágico da metamorfose contínua da passagem do trágico ao bufão, a crítica ardida, a magia do improviso, a alquimia expressiva da alma, essa feitiçaria toda de gestos e emoções eles viveram plenamente, os que ficaram em Bagé no curto espaço dessa experiência determinante, e, muito através dos que daqui saíram. Foi um tempo ambíguo para a arte brasileira e a arte de Bagé. Sempre penso que há tempos malditos e tempos abençoados às vezes entrelaçados O Teatro de /Bolso foi um tempo abençoado da arte para Bagé. Escancarou de luz e voz a boca fechada dos anos 70. Pena que esses meninos tão talentosos, tão plenamente humanos, tão frágeis porque imensos na sensibilidade, se foram tão cedo. Pedro Afonso, João Afonso Taborda, José Tiaraju, depois, Otacílio ....

Enquanto falo neles não quero registrá-los melancolicamente. Quero pensar neles como seres inquietos, vastos, vingados de luz, tão ternos e desajeitados na existência. Artistas sonhando o absoluto da igualdade e das alegrias humanas. Foram eles que me alcançaram uma das mais belas homenagens. Lembro que naquele momento consegui abraçá-los e retê-los no Bolso d’alma pela vida afora. Eram ainda os anos 70, os sombrios anos da ditadura na esquina Gal Osorio e eles sonhavam sem parar.



## **OS MOVIMENTOS LITERÁRIO-TEATRAIS EM BAGÉ/RS NA DÉCADA DE 1970: A LUTA CONTRA A CENSURA E A REPRESSÃO**

### **Roteiro de Entrevista**

Entrevista com o professor e historiador Cláudio de Leão Lemieszek, 65 anos de idade, nascido em Porto Alegre. Fez o curso de Direito na antiga FUNBA (Faculdades Unidas de Bagé). Professor municipal concursado e professor da URCAMP. Fez Mestrado em História Regional na Universidade de Passo Fundo.

#### **Em que ano o senhor chegou a Bagé?**

Cheguei em 1970, mas vinha na cidade desde os dois anos de idade.

#### **Na década de 1970, que atividades o senhor realizava por aqui?**

De 1970 até 1974 eu estudava Direito e trabalhava em um escritório de advocacia. Depois de formado, em 1975, mais precisamente no dia 03 de março, comecei a lecionar na Faculdade de Direito de Bagé.

#### **O senhor lembra de algum fato ou situação pontual em que a censura agiu em Bagé?**

Vou te dar um fato concreto, real que se passou comigo: eu tinha 19, 20 anos e como estudante de Direito eu fui da primeira turma da faculdade e nós tínhamos que, como os precursores, criar um Diretório Acadêmico. Começamos a nos movimentar e precisava-se colocar um nome: aí começaram - eu era o mais jovem da turma - as sugestões: vamos colocar Félix Contreras Rodrigues, vamos colocar Tarcísio Taborda, vamos colocar pessoas proeminentes da cidade de Bagé e que eu nem conhecia porque eu era um rapaz, não tinha ligação nenhuma aqui ainda. Então eu disse: vamos colocar Ian Palach, que foi um tcheco que, em 1968, quando houve o movimento mundial iniciado pelos estudantes franceses, em Soubourne, foi um jovem que se imolou, colocou fogo no próprio corpo em protesto pela paz. Eu tinha acompanhado toda essa situação no *Correio do Sul* e, como jovem, inflamado com essa situação toda, disse: vamos colocar o nome do diretório de Ian Palach, e aí ninguém sabia quem era ou pouco sabiam e me desafiaram a apresentar. Fiz um estudo na biblioteca, aí dois, três dias depois houve um diversionismo lá dentro, movimentado pelo diretor da faculdade que não queria isso. Na minha aula, tinham muitos policiais e, inclusive, um capitão do exército. Fui, então, gentilmente convidado pelo Delegado Regional de Polícia de Bagé, que se chamava Juvêncio Ramaieira Mendes, a ir até a Delegacia Regional. Chegando lá, ele exigiu (ou me pediu) explicações e o porquê eu tinha feito aquela sugestão. Nas palavras dele: “É bom dizeres pra mim porque senão terás de ir na segunda seção do QG

(Quartel General)”. Lá funcionava o setor de inteligência do exército. Houve, então, certa censura, mesmo sem violência.

**Sobre o jornal *Correio do Sul*: o senhor tem conhecimento acerca da postura do jornal frente à ditadura?**

O *Correio do Sul* era um jornal ultraconservador. Seus proprietários eram acionistas, conservadores, a maior parte produtores rurais ou empresários, profissionais liberais. Foi fundado pelos federalistas. O jornal tinha essa visão e manteve essa posição durante a revolução, inclusive apoiando-a escancaradamente. Havia interferência muito direta do diretor (Mário Lopes) nas matérias publicadas, o qual era um jornalista extremamente identificado com a direita e o regime e, obviamente, nada era publicado sem o seu aceite.

**Como o senhor avalia a Ditadura Militar, vista daqui, e a importância da cidade de Bagé no cenário político nacional e estadual?**

Olha, o que se pode dizer é que Bagé apoiou maciçamente a revolução. Foi um berço trabalhista em função dos ferroviários. Na década de 50, foi governada pelos trabalhistas. Médici foi um grande diferencial. Antes do Médici, o prefeito Pires, um bom prefeito e apesar de nunca ter sido político, tinha bom trânsito com alguns vereadores da oposição, conseguindo obras importantes pra Bagé. Com o Médici são indiscutíveis as ligações: era filho daqui, tinha várias amizades e fez sua infância aqui. Quatro vezes, como presidente, se não me engano, veio visitar Bagé. Ele fez o ginásio coberto, o Pronto Socorro, o aumento do aeroporto, as BR's, a ligação asfáltica, enfim... Serviu aqui como tenente, era uma pessoa popular, com toda aquela máquina de propaganda do exército, aquele apelo do futebol, era flamenguista e gremista. Enfim, único presidente que caminhava aí na Sete. Hoje, muitas pessoas se colocam contra a ditadura, nós vamos ver isso daqui a 50 anos quando se contar a história do tempo presente e problemas que o Brasil está atravessando, com suas crises: até pouco tempo atrás, o Lula gozava de prestígio incalculável em todas as faixas da sociedade e enfim, hoje já não é assim. Mas, na época, Médici gozava de prestígio incrível pelo que fez para Bagé. Muitas pessoas que hoje transitam na oposição, apoiavam o Médici. Isso é indiscutível, inclusive no primeiro escalão da atual gestão, do governo Dudu.

Nós estamos falando aqui, pelo menos esse é o enfoque, sobre o legado positivo em termos de obras e realizações para Bagé. Não estamos falando em legado ideológico, mas eu me ponho na obrigação de te dizer no legado para Bagé, em termos de obras, relação se era querido ou não, aplaudido ou não, qual sua popularidade... Não podemos esquecer que não foi só esse o legado: temos o lado obscuro, não no sentido de não se ver, porque hoje está claro com a Comissão da Verdade, tudo que ocorreu durante o período da ditadura, com as prisões e torturas durante seu período de governo, mas em Bagé não se viu isso no seu tempo. O legado dele, a nível nacional, é outra visão, outro olhar e eu desconheço que tivesse movimento aqui, claro que tinham pessoas de esquerda, mas não houve repressão no sentido físico.





## **OS MOVIMENTOS LITERÁRIO-TEATRAIS EM BAGÉ/RS NA DÉCADA DE 1970: A LUTA CONTRA A CENSURA E A REPRESSÃO**

### **Depoimento do ator e diretor Sapiran Brito:**

“Sou um homem de teatro, conforme o texto de Paulo Autran, “um homem que dedica sua vida a poucos metros quadrados de um tablado”. Apesar de outras atividades que sempre desenvolvi no campo da arte, meu foco sempre foi o teatro. Considero o teatro como a mais humana das artes, à medida em que se utiliza de todas as artes: da música, da arquitetura, da pintura e é fundamentalmente, em cima do ente humano. O ator é uma máquina de representar e é a expressão maior da humanidade porque ele tem que ter conhecimento geral, saber um pouco de ciência, arte, porque se for representar um padre tem que conhecer religião, se representar um médico, de medicina, e assim por diante. O ator tem que ser cavaleiro, saber esgrima, cantar, senão ele não é realmente um intérprete. É o teatro possibilita essa ferramenta ao ser humano, de colocar em cena o que tem de melhor, além dos aspectos filosóficos da vida e da arte. Então, além do que, o teatro é o melhor método educacional. Os governantes, gestores, políticos, administradores não se deram conta que o teatro é um instrumento de excelência da educação, se pode aprender matemática, línguas, enfim. É ensino em termos de aprendizado. A gente sabe que o que você vê, você guarda 20%. O que você vê, fala e pratica, absorve muito mais, você pode vivenciar qualquer assunto em até 80%.

A minha vida dentro do teatro foi também voltada à educação, informação de pessoas, de melhorar a condição humana, abrindo e dando oportunidades de criatividade e trabalhei em dois campos: no ramo da política, arte engajada, e no campo educacional, porque acredito que o teatro é uma ferramenta de muita valia para o desenvolvimento e redenção do ser humano.

### **Na década de 1970, onde o senhor estava?**

Eu fazia teatro amador aqui. Billi Guedes, Tadeu Mello e outros mais antigos que já se foram. Comecei no teatro amador na igreja matriz Crucificado, com um grande ator brasileiro que por acaso veio parar em Bagé: o Wilde Quintana. A minha formação é totalmente auto didática porque nunca fiz curso. Posso dizer que o único professor que tive foi na prática e foi o Wilde que me mostrou os caminhos do teatro. Aí comecei: fazia teatro no IMBA, na URCAMP, teatro amador. Aí fui pra Porto Alegre, porque todo mundo sai para um centro maior buscando uma oportunidade, tentando outros voos: estive em Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, procurando espaço para minha arte e acabei em Porto Alegre me envolvendo no movimento sindical. Minha postura natural de liderança, era tido como o inconveniente, que cobrava e o pessoal começou a me colocar na frente e acabei assumindo a presidência da Associação dos Artistas e Técnicos que é o embrião do sindicato e com esse envolvimento fui deixando um pouco

a carreira artística de lado e me dedicando à causa da minha gente e me envolvi na vida sindical. Criei e fundei o sindicato, como liderança nacional, percorrendo o Brasil todo pelas causas do teatro. Já no final da década de 70 a censura era muito forte; o teatro gaúcho sempre foi muito contestador, de vanguarda, esperneava e não se calava. Nós, na história pregressa do país, a classe dos artistas foi uma voz que nunca se calou diante da ditadura, uma das poucas classes que incomodou a ditadura. Então levamos uma luta de resistência e o que tinha na década de 70. O teatro nacional sofreu muito com a ditadura e isso nos provocava. Teve um episódio marcante na minha vida que foram as leituras dramáticas. Inventei junto com uns amigos, gente de esquerda, o clube de cultura. E ali, numa noite, tomando cerveja e discutindo a nossa geração era uma geração muito angustiada, por ser sufocada, e aí alguém falou quem sabe a gente lê as peças proibidas. Na época tínhamos quinhentas peças proibidas, que os autores tinham na gaveta. Selecionamos as mais representativas que batiam direto com a ditadura e organizamos um ciclo de leituras dramáticas, lá por 1978, 79. Então, líamos “Rasga Coração”, “A Patética”, alguns textos do Plínio Marcos, várias peças sufocadas. Para fazer isso tive que assumir a paternidade do assunto. Não dirigia a leitura mas assinava, convidava o diretor e organizava o elenco. A censura certamente iria bater. Então viajava para o Rio de Janeiro. Assim, eles procuravam o responsável e eu não estava lá, era uma tática de guerrilha. Isso causou um impacto nacional: a coragem da gauchada em bater de frente. Lemos seis textos proibidos até que o cerco foi se fechando, não tive mais como escapar, fui detido, chamado, devo dizer que “os homens não me trataram mal”, não me deram choque elétrico, não me bateram, mas me deram “chá de banco”: dez horas esperando, depois interrogatório e na época eu tinha a cobertura do presidente da Assembleia, deputado Nivaldo Soares, um progressista, então quando me chamavam para depor no Departamento de Censura eu corria na Assembleia e dizia ao deputado: “estou intimado a comparecer”. Ele: “vai tranquilo, se passar mais de seis horas os advogados vão lá te soltar”. Essas leituras dramáticas foram marco e a classe inteira do país começou a se mobilizar e aceitar nossa tática e se proliferou: a censura existe até hoje mas não daquela forma abjeta como a censura daquele tempo.

### **E o teatro municipal de Bagé?**

Tentativas foram feitas. Vou te dizer que tenho trinta anos nessa luta. Estivemos próximos de conquistar e nos escapou por detalhes. É muito fácil fazer um teatro municipal, mas depende da vontade política do governante. Mas mesmo que ele tivesse a boa vontade a gente acaba sendo barrado por projeto, recurso, burocracia e Bagé tem ótimos equipamentos culturais: bibliotecas, casa de cultura, IMBA, Santa Tereza, Secretaria...só falta o teatro! Temos o Centro Cultural Tarcísio Taborda que é uma obra do governo em que fui vice-prefeito, fizemos dois terços, só faltou o teatro. Ali existem as estacas, fundações de ferro, mas parou aí, não conseguimos concluir. Hoje tem leis de incentivos, BNDES, Petrobras, mas temos várias alternativas para ter um teatro municipal. Vamos continuar na luta. Mas é um absurdo que Bagé, com a tradição de teatro que tem - tivemos o Teatro 28 de setembro, que pegou fogo e em 2017 faz 100 anos do seu incêndio - não consigamos uma casa. É fundamental: para que o teatro se desenvolva tem que ter uma sede, uma casa. Sempre dou o exemplo: o militar, primeira coisa que faz é o quartel; o maçom, a loja, a sede; a igreja, a capela. O teatro também precisa disso aí. Não é só uma casa de espetáculo teatral que serve pra dança, música, conferências, palestras. É uma casa de pensamento, uma casa acolhedora. Teatro tem que ter atividades múltiplas e tem que ter uma sede fixa. Precisa um ponto de encontro, onde troquem ideias e onde possa se gerar uma produção teatral de qualidade